ORGANIZADORES:
GERMANA PARENTE NEIVA BELCHIOR
MARIA AURELINA FARIAS DE ARAÚJO
SAULO ARAÚJO TOSCANO JÚNIOR

PRODUÇÃO LITERÁRIA DOS SERVIDORES FAZENDÁRIOS:

CONTOS, CRÔNICAS, POESIAS E CAUSOS

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Fazenda do Estado do Ceará

EDIÇÕES FUNDAÇÃO SINTAF

ISBN: 978-85-66674-07-1
Copyright © 2018 Edições Fundação Sintaf / Secretaria da Fazenda do Estado do Ceará

Direitos desta edição reservados para:

Fundação Sintaf de Ensino, Pesquisa,
Desenvolvimento Tecnológico e Cultural
Rua Padre Mororó, 952, Centro,
CEP 60015-220 - Fortaleza, CE – Brasil
Telefone: (85) 3223.6644
E-mail: fsintaf@gmail.com
Site: www.fundacaosintaf.org.br

Secretaria da Fazenda do Estado do Ceará
Célula de Desenvolvimento de Pessoas - Cedep
Av. Alberto Nepomuceno, 02 - Centro
CEP 60055-000 - Fortaleza, CE - Brasil
Telefone: (85) 3108.0609
E-mail: cedep@sefaz.ce.gov.br
Site: www.sefaz.ce.gov.br

Os conceitos e opiniões emitidos neste livro são de inteira responsabilidade dos autores, não representando a opinião das entidades organizadoras.

Este E-book foi editado segundo as normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, aprovado pelo Decreto Legislativo nº 54, de 18 de abril de 1995, e promulgado pelo Decreto nº 6.583, de 29 de setembro de 2008.

1ª Edição – 2018

Diagramação: Edições Fundação Sintaf

P964 Produção Literária dos servidores fazendários [Recurso eletrônico on-line] : contos, crônicas, poesia e causos / organizadores: Germana Parente Neiva Belchior, Maria Aurelina Farias de Araújo e Saulo Araújo Toscano Júnior. – 1. ed. – Fortaleza, CE : Secretaria da Fazenda do Estado do Ceará e Fundação Sintaf, 2018.

Modo de acesso: http://www.fundacaosintaf.org.br/

1. Fundação Sintaf de Ensino, Pesquisa, Desenvolvimento Tecnológico e Cultural – Servidores – Produção literária. 2. Contos brasileiros. 3. Crônicas brasileiras. 4. Poesia brasileira. I. Belchior, Germana Parente Neiva. II. Araújo, Maria Aurelina Farias de. III. Toscano Júnior, Saulo Araújo.

CDU: 869.0(81)(081.1)

Catalogação na publicação por: Onélia Silva Guimarães CRB-14/071

PRODUÇÃO LITERÁRIA DOS SERVIDORES FAZENDÁRIOS:

CONTOS, CRÔNICAS, POESIAS E CAUSOS

1ª EDIÇÃO

ORGANIZADORES:
GERMANA PARENTE NEIVA BELCHIOR
MARIA AURELINA FARIAS DE ARAÚJO
SAULO ARAÚJO TOSCANO JÚNIOR

Fortaleza-Ceará
Secretaria da Fazenda do Estado
do Ceará e Fundação SINTAF
2018

Este E-book é uma compilação das produções literárias enviadas por servidores da Secretaria da Fazenda do Estado do Ceará em eventos realizados pela Célula de Desenvolvimento de Pessoas, expondo o talento poético e literário de colegas fazendários.

Sumário

Apresentação 8

Parte I - Contos

2010 – TEMA: NATAL 12

A história de José, um homem de bem | Maria Iara Henrique Palácio 13

Houve uma vez um Natal | Francisco Ernane de Freitas 15

Um Natal Inesquecível | Geraldo Luciano Gomes Barbosa 19

2011 – TEMA: MEIO AMBIENTE 21

Um conto que conta | Maria Aglaêda Amorim Milfont 22

O sapo-da-areia e a Largatixa-das-Dunas | Germana Parente Neiva Belchior 25

Reflorescer | Joaquim Messias Matos Filho 27

O meio ambiente agradece | Ana Paula Bezerra Pinheiro 33

Devolvam a minha mata | Francisco Ernane de Freitas 37

Alguém Pede Socorro | Yolita de Araújo e Sá 39

A estrelinha e o Natal da Sefaz Dulce Ane Pitombeira de Lucena 43

2014 – TEMA: EQUIPES QUE FAZEM ACONTECER 47

Seca no Planeta Verde | Francisco José Bezerra de Andrade e Silva 48

2017 – TEMA: EDUCAÇÃO 51

Educação | Alvina Bandeira Braga 52

Educação | Fabrizio Gomes Santos 56

O menino esquecido pelo Papai Noel | Aristóbulo Souza Fontenele 58

Amar e mudar as coisas | José Roberto Severiano Gomes 60

Parte II - Poesias

2015 – TEMA: UNIDOS SOMOS SEFAZ 64

Com a CAT somos mais unidos | *Anna Isabelle Gomes Pereira Santos* 65

Unidos somos SEFAZ | *Flávio Henrique Marques Ferreira Lima e Susie Pontes Lima Marino* 66

Unidos somos SEFAZ | *Fabrizio Gomes Santos* 67

Natal da união na Sefaz | *Luiza Ondina Santos Mota* 68

Gincana Natalina | *Dulce Ane Pitombeira de Lucena* 69

Parte III - Crônicas

2013 – TEMA: SERVIDOR CIDADÃO 71

O discurso | Yolita de Araújo e Sá 72

Tem que selar, tem que reciclar | Rita Maria Franco Nogueira 76

A reconciliação no casamento entre servidor e cidadão | Najla Clécia Mota Cavalcante Scaccabarozzi 79

Servidor Cidadão | Salete Freitas de Sousa Lima 81

Servidor Cidadão... uma história numa terra mais perto do que se imagina | Maria Iara Henrique Palácio 85

2016 – TEMA "OLHAR PARA O FUTURO" 88

O futuro é tão somente isso... | Marcos Antonio Silva Saraiva 89

Um olhar para o futuro | Fernando Maymone de Melo Carvalho 94

Um olhar para o futuro: o trumpetista e a SEFAZ | Sidney dos Santos Saraiva Leão 99

Um conto de Natal | Fabrizio Gomes Santos 104

Parte IV - Causos

2015 – TEMA: MEMÓRIA FAZENDÁRIA 107

A danada da Comunicação | Maria Aurelina Farias de Araújo 108

Coisas de RH | Dulce Ane Pitombeira de Lucena 110

O coletor e o cheque voador | Arlêdo Gomes e Silva 112

Pegadinha da Diligência | Ivone Maire Antunes Bezerra 114

Rabo de Barbante | Yolita de Araújo e Sá 116

Parte V - Outras Produções Literárias

2018 – TEMA: LIVRE *119*

Poesia.com | José Roberto Severiano Gomes *120*

A viagem de volta | José Nazário Viana Filho *122*

O ato de doar | Maria Aurelina Farias de Araújo *126*

Ao Dr. Clerton Martins | Aristóbulo Souza Fontenele *128*

Celebração à vida | Iracema Serra Azul da Fonsêca *130*

Marcas do Tempo | Paulo Sérgio Coutinho de Almada *132*

Apresentação

A crescente exigência da sociedade brasileira quanto à necessidade de melhorias na gestão pública, voltadas para maior celeridade, eficiência e eficácia dos serviços prestados alerta a administração pública para a necessidade de modernização de suas práticas de gestão.

Dentro desse contexto, várias organizações públicas estão modernizando seu sistema de gestão, tendo, necessariamente, que realizar uma análise crítica de suas práticas de desenvolvimento de servidores e gestores, na medida em que desempenham papel estratégico no alcance de objetivos institucionais.

Desse modo, a Secretaria da Fazenda (Sefaz) tem buscado promover e incrementar o processo de crescimento e modernização do Estado, bem como melhorar as condições de vida da população mediante a captação e gestão dos recursos a serem aplicados nos diversos setores da sociedade, notadamente com a implementação de projetos, programas, ações, serviços e obras levados a efeito pelos demais órgãos e entidades governamentais.

É indiscutível que a efetividade da Sefaz depende do investimento nas pessoas, com a identificação, aproveitamento e desenvolvimento do capital intelectual, fortalecendo a importância de gerir e cuidar das pessoas, pois são elas que impulsionam as organizações. É nesse sentido que a área de Desenvolvimento de Pessoas da Sefaz atua, sempre trabalhando para valorizar, desenvolver e reter os seus talentos.

Dentro dessa perspectiva, a Portaria nº 333, de 21 de agosto de 2018, que instituiu a Política de Desenvolvimento de Pessoas da Sefaz, traz em sua Política 8, que aborda a Gestão da qualidade de vida no trabalho e clima organizacional, o seguinte objetivo:

> Promover a gestão do clima organizacional e valorizar a qualidade de vida no trabalho, considerando o servidor de forma sistêmica e holística, cujo foco deve ser o aprimoramento permanente das relações sociais e profissionais, das condições e da organização do trabalho, da responsabilidade socioambiental, das práticas de reconhecimento visando à promoção do bem-estar das pessoas no âmbito da organização e do meio ambiente, e da preocupação com a saúde física, emocional e psíquica do servidor fazendário.

Dentre as Diretrizes elencadas pela Política 8, ressaltamos a Diretriz 7, que assegura a "Promoção de programas e projetos para a realização de atividades socioculturais, que proporcionem a expressão da arte, esporte, lazer e cultura na Sefaz, como espaços de desenvolvimento humano e institucional."

Ao reconhecer o desenvolvimento cultural como diretriz da Política de Desenvolvimento de Pessoas, consolida-se a ideia de que a leitura e a escrita favorecem a criação de pontes incontestáveis para que haja uma inclusão do indivíduo dentro da sociedade. Reconhecendo esta importância, a Sefaz, por meio dos eventos: **Gincana Natalina e Semana do Fazendário**, dentre outros, promovidos pela Coordenadoria Administrativa e de Tecnologia da Informação (CAT), liderados pela Célula de Desenvolvimento de Pessoas (Cedep), tem estimulado a criatividade e a prática da escrita mediante provocações aos fazendários objetivando a entrega de contos, crônicas, poesias e causos, obedecendo um tema previamente divulgado em edital e lançado na intranet.

Os temas que são propostos em eventos promovidos pela CAT-Cedep têm contribuído para a reflexão, a busca de consultas sobre o assunto e o desenvolvimento da escrita, dentre outras possibilidades que a mente se depara ao receber a tarefa de escrever.

Desta forma, a Secretaria da Fazenda, por meio da CAT-Cedep, materializa, por meio deste livro, a produção literária de seus servidores, objetivando dar visibilidade ao material escrito e, sobretudo, valorizar a criatividade e a disponibilidade dos autores que assumiram o desafio de produzirem um texto que será lido por outras pessoas, promovendo a disseminação do conhecimento dos participantes e proporcionando momentos de enlevo aos leitores.

Entendemos que o lançamento deste e-book no momento em que comemoramos o Dia do Servidor Fazendário poderá contribuir para o fortalecimento da imagem da Sefaz, uma vez que a simplicidade e a beleza de contos, crônicas, poesias e causos produzidos pelos servidores vêm traduzir o ato de aprender a ser um servidor consciente de seu papel na sociedade.

O e-book é formado por 40 (quarenta) textos literários, estando dividido em cinco partes: (i) Contos com temas que versam sobre Natal, Meio Ambiente, União e Educação; (ii) Crônicas nos temas: Olhar para o

Futuro, Servidor Cidadão e Equipes que Fazem Acontecer; (iii) Poesias: Unidos Somos Sefaz; (iv) Causos que trazem relatos sobre a memória fazendária e (v) Outras produções literárias com crônicas, poesias e contos sobre tema livre.

Agradecemos a participação dos autores fazendários: Alvina Bandeira Braga, Ana Paula Bezerra Pinheiro, Anna Isabelle Gomes Pereira, Aristobulo Souza Fontenele, Arledo Gomes e Silva, Dulce Ane Pitombeira de Lucena, Fabrizio Gomes Santos, Fernando Maymone de Melo Carvalho, Flávio Henrique Marques Ferreira Lima, Francisco Ernane de Freitas, Francisco José Bezerra de Andrade e Silva, Geraldo Luciano Gomes Barbosa, Germana Parente Neiva Belchior, Iracema Serra Azul da Fonseca, Ivone Maire Antunes Bezerra, Joaquim Messias Matos Filho, José Nazário Viana Filho, José Roberto Severiano Gomes, Luiza Ondina Santos Mota, Marcos Antonio Silva Saraiva, Maria Aglaêda Amorim Milfont, Maria Aurelina Farias de Araujo, Maria Iara Henrique Palácio, Najla Clécia Mota Cavalcante Scaccabarozzi, Paulo Sérgio Coutinho de Almada, Rita Maria Franco Nogueira, Salete Freitas de Sousa Lima, Sidney dos Santos Saraiva Leão, Susie Pontes Lima Marino e Yolita de Araujo e Sá.

Por fim, nossa gratidão à Fundação Sintaf pela parceria e a toda a equipe que compõe a Célula de Desenvolvimento de Pessoas, pelo compromisso com o e-book e, principalmente, por acreditar que sua produção seria possível.

Nós, que fazemos a Cedep e que trabalhamos com o desenvolvimento de pessoas, acreditamos que podemos cultivar mais momentos em que as pessoas possam exercitar ainda mais a vivência e aprendizados, uma vez que viver pressupõe estar sempre aprendendo, seja escrevendo, pensando, elaborando o raciocínio, sublimando emoções e organizando o mundo em que estamos inseridos. Estamos orgulhosos com a conquista deste sonho realizado com a produção do e-book e é com muita emoção que compartilhamos nosso sonho com todos os autores e leitores, na esperança de que a obra estimule ainda mais a produção literária de mais colegas fazendários.

Boa leitura a todos e a todas!
Fortaleza, 27 de setembro de 2018.

Germana Parente Neiva Belchior
Maria Aurelina Farias de Araujo
Saulo Araujo Toscano Júnior
Organizadores

Parte I

Contos

TEMA:

NATAL

2010

A História de José, Um Homem de Bem

Maria Iara Henrique Palácio

Era noite de natal, todas as luzes da cidade acesas, as pessoas caminhavam pelas ruas bem vestidas, os sinos soavam nas igrejas, estava frio, sim... muito frio e o senhor José caminhava a passos lentos ,sentia o vento tocar seu rosto e a terra fria tocar os pés...

Não tinha uma casa, uma família, não tinha para onde ir e os dois amigos que dividiam a calçada de um dos bancos do centro da cidade não estavam por perto... "para onde teriam ido?"...uma certa melancolia e a solidão se instalava silenciosa e fria na noite de natal...se lembrava de um natal bem distante em que sonhava com uma casa que tivesse um jardim bem grande e este era o único presente que havia pedido a papai Noel.

O senhor José está hoje com 86 anos, nunca teve carteira assinada, não chegou aos bancos de uma escola, trabalhou a vida inteira fazendo "bico"... só sabia cuidar de jardins...e fazia bem...lembrava que aos 12 anos , depois de fugir do orfanato, foi acolhido por uma família, tinha comida boa e uma cama para dormir e se sentia seguro.

Naquela casa existiam outras crianças como ele, meninos, meninas e eles tinham muitos brinquedos... Mas não aprenderam a cuidar das plantas, nem a fazer bonecos de barro quando a chuva molhava a terra.

Ficou um bom tempo naquela casa, mas a família foi para outra cidade e o José, menino, quase um homem, voltou para as ruas... e .o tempo passava entre um e outro jardim...outras casas,outros amigos,

mas nenhum emprego que pudesse ter seu canto...sua morada,sua família, não dava para se sentir parte daquela terra, daquela gente...sim, o seu lar findava sendo as ruas,o seu teto as estrelas e a sua segurança a presença viva de Deus cada vez que dormia nas ruas e sonhava com um lar.

O homem José, tantas vezes confundido com um marginal, um traficante, um ladrão era apenas um homem sem terra, sem teto, sem chão... apenas caminhava a passos lentos pelas ruas da cidade na noite de natal ouvindo os sinos tocarem,sentido o vento no rosto e a terra fria tocar seus pés.

De repente alguém o chama... “José, venha conosco!””Vamos, queremos levá-lo para conhecer um lugar que tem um jardim imenso numa casa que você irá morar até o fim de seus dias...” José sorria e não acreditava, devia ser uma brincadeira...mas aquele casal não parecia bandido, como ele tantas vezes fora confundido...José estava cansado,-com fome, com frio e aceitou o convite.

Que grande surpresa... que jardim lindo, quantas flores, que casa linda, toda iluminada, uma árvore toda enfeitada com os sinos natalinos... como José estava feliz!Sim, queria morar naquela casa!Podia morrer em paz!

O corpo de bombeiros se aproximava do hospital... um homem velho de aproximadamente 86 anos, vítima de um acidente trágico ao atravessar a rua, teve traumatismo craniano, os primeiros socorros haviam sido prestados, mas estava tendo uma parada cardíaca.

Os paramédicos conduziram o homem velho acidentado até a emergência , quando o médico o examinou,constatou... ”o homem está morrendo”...”não há mais nada que se possa fazer...”e perguntou :”Alguém, conhece este homem?”e ninguém respondeu.”Se ninguém sabe nada dele,façam o de praxe,enterrem o indigente!”

Entre a emergência e a ida ao necrotério uma criança acompanhada de sua mãe, disse: ”Mamãe, veja aquele velhinho naquela cama, ele dormi e sorri, que bonito, deve estar tendo um sonho bom nesta noite linda de natal!

Assim, finda a noite de natal do senhor José entre a noite fria, as luzes da cidade e os sinos do natal! Sim... Ele era um homem de bem!

Houve uma vez um Natal

Francisco Ernane de Freitas

Seu nome era Pedrinho. Simplesmente assim: Pedrinho. E gostava quando se aproximava o Natal, porque sabia que um tempo especial se aproximava.

Algumas coisas anunciavam que este tempo estava próximo. A igreja de sua pequena cidade se transformava, como num passe de mágica. De repente, estava ali, sobre os degraus, em frente ao Altar Principal: eram grandes pedras circundando um casebre de palha, onde se encontravam as figuras de Maria, José e o Menino Jesus. Em volta, muitos pastores com suas ovelhas, algumas trazidas às costas. E bois, vacas, carneiros, tudo com muita majestade, embora aos outros parecesse só simplicidade e pobreza. Ah! Havia, claro, as ilustres figuras dos Reis Magos, com seus presentes para um menino que todos diziam ser o Messias. Todo este cenário em tamanho natural, assustando pelo porte a todos os pequeninos que, como Pedrinho, o admiravam.

E, não se podia negar, era diferente a maneira como as pessoas se olhavam, sorriam, davam-se as mãos, abraçavam-se.

As crianças tinham motivos especiais para não irem cedo pra cama. Todas as luzes ficavam acesas até a madrugada, o que só acontecia no Natal e Ano Novo. E as praças ficavam cheias de gente que ia e vinha sem parar, esperando os grandes acontecimentos da noite: a Missa do Galo, pontualmente à meia noite, e, com sorte, ao voltar para casa, a chegada do Papai Noel.

No dia seguinte a magia continuava. Claro, aqueles que tinham a

sorte de ganharem brinquedos eram os mais felizes. De todas as direções eles corriam para exibir aos outros e aproveitar os presentes que ganharam de Papai Noel. As calçadas e praças da cidade eram invadidas pelo alegre burburinho de crianças com seus carrinhos e bonecas, armas que atiravam de verdade, triciclos e bicicletas, bolas e jogos de montar, no tempo em que nem se falava em brinquedos eletrônicos.

O momento era de alegria. Os pequenos, muito felizes, continuavam a acreditar em Papai Noel e esperariam com ansiedade o próximo Natal. Os grandes dormiam contentes por proporcionarem tudo isto. Esta era a Magia de cada Natal.

Pedrinho encantava-se com tudo isto. Ele também mantinha a esperança de não ser esquecido por Papai Noel. Ele também mantinha o brilho no olhar e o sorriso nos lábios quando abria o seu presente. Ele também corria para a praça sem controlar sua alegria, e exibia seu presente, e ficava feliz por todos os outros meninos.

O Natal trazia, principalmente para as crianças, surpresas e indagações. Para Pedrinho não era diferente. Porque ele não ganhara no ano passado aquele brinquedo que vira tantas vezes na loja, e não teve coragem de pedir a seu pai? Como, de outras vezes, Papai Noel advinhou exatamente o que ele queria? Será que ele viria no próximo Natal?

Com o tempo Pedrinho foi sabendo as respostas. Algumas coisas ele ainda gostaria de saber, mas achava que não devia perguntar.

Pedrinho sempre desejou saber o que faziam no Natal aquelas crianças que moravam longe, que usavam roupas e chinelos mais simples que os seus. Será que ganhariam presentes? Onde estariam elas aos domingos, quando ele ia ao campo de futebol? Que tinham elas para comer em suas refeições?

———

Um domingo, dia de ir à missa com a família, Pedrinho esperava seus pais para voltarem para a fazenda onde moravam, a seis quilômetros da cidade. Foi abordado por um garoto, mais ou menos de sua idade, que lhe pedira uma quantia em dinheiro que precisava urgente naquele momento, mas lhe daria algo em troca. Pedrinho se assustou com a proposta. Porque este menino desejaria tanto aquele dinheiro? Nunca tivera a coragem de pedir nada a alguém. Como este garoto tinha tanta coragem e determinação?

Filho de um senhor que era artesão e carpinteiro, o garoto ofereceu-lhe duas peças de madeira, primorosamente trabalhadas: um carrinho, réplica perfeita do original, com portas que abriam e detalhes como parabrisa e faróis; e um "João Teimoso", cujos movimentos sobre um trapézio eram controlados por quem o manipulava.

Pedrinho tinha no bolso aquela quantia, e achou que seu pai não o recriminaria se ajudasse aquele garoto. Além do mais, levaria para casa duas peças de madeira que o deixaram feliz. Assim se fez. Pedrinho não deixou de sentir um incrível sentimento de alegria por estar ajudando aquele menino. E seu pai ficou orgulhoso por seu gesto de ajudar a outro e por seu sentimento de fraternidade.

———

Houve um Natal em que Pedrinho decidiu que pediria uma bicicleta nova. Seria apenas mais um presente. Diferente dos natais passados, este, pensava ele, não traria consigo nenhuma nova emoção. Um presente como qualquer outro.

Mas descobriu que tinha entre seus brinquedos um carrinho de madeira e um "João teimoso" com os quais nunca se divertira. Resolveu que sairia com eles no dia de Natal.

O que ele não poderia prever foi o encantamento que causaria estes brinquedos às crianças ao seu redor. Pedrinho pode observar especialmente que dois garotos , curiosos, olhavam toda a movimentação e correria das crianças com os presentes que acabaram de ganhar. Nunca os vira por ali, e com certeza, sua felicidade era poder compartilhar a alegria das outras crianças.

Aproximou-se deles e disse:

— Podem pegar

— Podemos mesmo?

— Claro.

Por um instante, Pedrinho reviveu cada natal e cada presente que recebera em sua vida. O momento mágico em que não sabia como receber e como segurar o presente, o que dizer, para onde olhar, como explicar porque seu coração batia mais forte e seus olhos ficavam cheios d'água, se agradecia ou ficava calado, se já podia brincar, tudo o agitava e paralisava ao mesmo tempo. Assim estavam aqueles garotos.

— Podem ficar com eles. É de vocês.

Pedrinho foi rapidamente à sua casa, a tempo de trazer sua bicicleta e dizer:“alguém que dar uma voltinha?”

E não conseguia tirar os olhos daqueles garotos. Que apenas conseguiram dizer “obrigado, Pedrinho. Feliz Natal”.

E os sorrisos em seus rostos não necessitavam de tradução.

Pedrinho não parava de observá-los, não conseguia parar de sorrir e não sabia explicar porque havia lágrimas em seus olhos.

Enquanto os outros se divertiam com sua bicicleta, lembrou apenas de abraçar seus pais, e em silêncio voltou para os amigos, com a certeza de que a partir daquele dia ele passou a entender os adultos quando dizem: “Feliz Natal”.

Um Natal inesquecível

Geraldo Luciano Gomes Barbosa

Helena havia perdido seu filho e seu marido em um acidente automobilístico. E aquele natal era o primeiro de sua vida sem seus entes queridos. Afastou-se de sua rotina de trabalho durante uns nove meses, mas, sua licença acabara, retornando ao trabalho há uma semana. Todos os colegas preparavam-se para as festas de confraternizações,mas, Helena recusou-se a compartilhar qualquer momento natalino, preferindo isolar-se em casa.

O último facho de luz do sol se despedia ao cair da tarde, cedendo lugar às primeiras estrelas que dariam um brilho especial àquela noite de natal. Para Helena, as lembranças da alegria e da ansiedade pela chegada da meia-noite, quando se reuniam ela, o marido Antonio e o pequeno André, juntos ao pinheiro enfeitado e ao pequeno presépio por eles montados, para a celebração do nascimento do menino Jesus, dava lugar, agora, a um doloroso sentimento de angústia e tristeza a apertar-lhe o coração ferido pela ausência dos seus entes queridos. A sala, outrora festiva e carregada de alegria, estava vazia triste. Eram em torno de 22h30min quando se deitou e mal se sentou na cama a campainha tocou. Quem seria àquela hora? Pela primeira vez torceu para que fosse brincadeira de algum jovem transeunte, olhou de cima de sua varanda e viu um senhor brincando com uma criança dentro daqueles carrinhos de sucata de geladeira. Perguntou: O que o senhor deseja? Este respondeu: Senhora estou pedindo um brinquedo para meu garoto. Ela tinha um quarto cheio de brinquedos de seu filho. Ia responder que não

tinha, no entanto, pediu que ele esperasse, pois, iria dá uma olhadinha. Dez minutos depois voltou com um saco cheio de brinquedos e falou: - Senhor leve-os todos para seu filho. O homem agradeceu e seguiu seu caminho com o filho, sendo observados por Helena até desaparecerem na linha do horizonte.

Helena adormeceu e sonhou que caminhava num jardim muito bonito e lá estavam seu filho André e seu marido Antonio, eles corriam para abraçá-la e convidavam-na para uma ceia exposta numa toalha na grama viçosa. O filho segurou sua mão e falou: - Mãezinha,você me ensinou que meus brinquedos fariam outras crianças sorrirem, que podíamos dividir ao invés de armazenar coisas sobre coisas num mundo onde existem tantos necessitados. De onde estamos, eu e o papai podíamos observar quanta alegria no sorriso de cada criança ao receber um brinquedo, foi um presente para nossas almas. Helena apertou-o em seus braços e acordou. Ficou refletindo sobre o sonho, não entendia por que seu filho falara em muitas crianças, pois, só havia uma com aquele senhor. Na manhã seguinte saindo para o mercado começou a ver crianças pelo meio da rua com os brinquedos que reconhecia. Não suportando tanta curiosidade, indagou para um dos muitos meninos que estavam com os brinquedos que pertencera ao seu filho. Como se chama, filho? O menino respondeu: - Pedro. Continuou Helena: - Onde você encontrou esse carrinho de bombeiro? Ao que o garoto respondeu: - Eu não encontrei, eu ganhei do *papel Noel do carrinho de geladeira*. Foi onde ela entendeu que o sentido do natal está mais em dar que receber. Os brinquedos de seu filho não alegraram tão-somente uma criança, mas, a quase uma centena. Pois, aquele sábio senhor com seu gesto benevolente, confraternizou-se com os milhares de “Jesus” que estão perambulando nas calçadas, bem próximos à nossa casa, bem próximos à nossa vida e bem longe de nossa ceia de natal. Helena entendeu que apesar da ausência física dos seus entes queridos, o natal existe e existirá, pois, os ensinamentos de Cristo sempre serão vivenciados por alguém, quiçá um dia por mim ou por você.

TEMA:

MEIO AMBIENTE

2011

Um conto que conta

MARIA AGLAÊDA AMORIM MILFONT

No ano de 2050, houve uma grande assembleia no planeta terra, cujo tema central da discussão era resolver a sobrevivência do ser humano dentro do caos instalado. de um lado estavam pessoas que ainda insistiam na luta para preservar e resguardar pequenos pontos que resistiam à destruição. Do outro lado se encontravam os dirigentes políticos, os presidentes de grandes empresas de todos os confins imagináveis desse planeta, que defendiam o consumo e a exploração a todo custo, pois o que importava era o lucro.

No meio do acirrado e descontrolado embate, eis que aparece no cenário urna figura maltrapilha, suja, com os cabelos esvoaçantes, mas de uma energia que tocou todos os presentes.

— O presidente da mesa perguntou:

— Quem te trouxe até aqui, ou melhor, quem você representa? Fala!

A figura estranha sem perder a calma respondeu:

— Não me reconhecem, senhores presentes?

E todos olharam entre si e responderam numa só voz:

— Nunca a vimos, não sabemos quem tu és?

— Olhem bem para mim. Todos vocês são responsáveis pelo que hoje aparento.

O representante das megas indústrias se levanta e responde:

— És louca? Corno podemos ser responsáveis por quem não conhecemos e nunca vimos.

— Reparou nos meus olhos? Deles antes saiam águas límpidas que ajudavam a natureza a se desenvolver e a produzir alimentos. Hoje estão secos e quando jorram água já não serve para nada, porque é suja e poluída.

— Olhem para o meu corpo despido e dilapidado. Toda a cobertura que outrora servia de proteção está quase inexistente. Escutem o som da minha voz, não possui mais o encanto do canto dos pássaros, dos rios, dos ventos batendo nas folhas. Os animais foram calados e exterminados pela força das tuas mãos.

— Pare, tire essa louca daqui! Gritou um representante da assembleia. De repente falou uma voz no fundo da sala:

— Deixa-a falar, todos têm o direito de se expressar.

Levanta-se o presidente e diante da confusão formada e com a intenção de acalmar os ânimos:

— A Sra. continua, mas somente por cinco minutos! E soa a campainha. A senhora continua os argumentos:

— Em somente cinco minutos, neste pequeno espaço de tempo, milhões de toneladas de lixo caem sobre a minha cabeça, poluindo rios, milhares morrem de fome nos países que restam, por causa dessa velocidade que vocês proporam ao tempo, onde só representa lucro e ganância, mesmo que em detrimento de vidas.

— Senhores, sinto que dentro de vocês já inexiste o sentido da palavra amor, pois quem ama cuida. E vocês não cuidaram da própria casa e da própria sobrevivência. Hoje reconhecem seus erros e já não podem mudar, perceberam?

— É só olhar o infinito, hoje se tornou impossível ver as estrelas, as névoas escuras nos impedem de observá-las.

— Sr. Presidente! Já reparou nos milhões de desabrigados ecológicos, superam em número os habitantes de todas as comunidades planetárias que ainda conseguem sobreviver, e já não há tanto espaço limpo para que possam habitar. Doenças, sede, fome e desalentos é a realidade de todos.

Toca a sirene dando assim por encerrada a fala da criatura que aos poucos emite uma luz interior antes nunca vista.

Um dos presentes diante de tão luminosidade se levanta e pergunta:

— De onde vens? Quem é você amiga?

A Senhora de olhar triste, olha para todos e responde:

— Vim aqui na última tentativa de retroceder as atitudes de vocês em relação a mim. Podem ficar certos que tenho vida que ainda transborda no meu interior. E posso afirmar que apesar de tudo me recuperarei ao longo dos anos, sobreviverei ao legado deixado pelo único animal que habitou menos tempo no meu solo e que foi capaz de destruir a sua própria casa. Eu sem vocês continuarei viva, e vocês?

— Sou o espírito da mãe Terra. E desapareceu!

O Sapo-da-Areia e a Largatixa-das-Dunas

Germana Parente Neiva Belchior

Tentando se desviar das fortes pisadas de uma multidão de verdes que se reunira com faixas e gritos de protestos, o Sr. Sapo-da-Areia encontrou a ofegante Largatixinha-das-Dunas, que vinha do lado oposto, na intenção de fugir das grandes e pesadas rodas dos caminhões da construção civil que traziam equipamentos de edificações em direção às Dunas do Cocó.

Após recuperar o fôlego, o Sr. Sapo-da-Areia interpelou a pequenina lagartixa: “Não deveria estar aqui sozinha. É perigoso. Onde estão seus pais?”

“Eles viajaram para procurar comida e um local seguro para a gente morar. Já foram faz tempo e não mandaram noticia. Estou com tanta fome!” respondeu a Largatixinha-das-Dunas.

“É, estamos mesmo passando por um momento preocupante, não sabemos o que pode nos acontecer. Mas nem sempre foi assim. Sente-se aqui.” disse o Sr. Sapo-da-Areia.

“Não entendo, Sr. Sapo. Quem são esses nessas enormes coisas barulhentas? O que querem de nós?” indagou a Largatixinha-das-Dunas.

“São os seres superiores. Eles acham que tudo é deles. Querem construir mais prédios aqui. E essas coisas barulhentas são os caminhões que passam por aqui esmagando criaturas pequenas como nós.” afirmou o Sr. Sapo-da-Areia,

“Mas por que nos esmagam? O que fizemos a eles?’ questionou a

pequena largatixa assustada.

"Na verdade, nada fizemos. Simplesmente acham que não fazemos diferença em suas vidas. Eles pensam que podem ter riqueza sem vida e que a vida deles não está vinculada à nossa." respondeu o Sr. Sapo-da-Areia.

"E para que querem mais prédios? Já existem tantos ao redor. Será que eles vão nos matar?", perguntou a Lagartixinha-das-Dunas, com olhos trêmulos.

"Eu não sei. Nossos ancestrais chegaram aqui há mais de 1300 anos, mas agora nossa sobrevivência está em risco. Vários familiares meus morreram, só restaram eu e meu filho mais novo." explanou o Sr. Sapo-da-Areia.

O embate entre os seres superiores que queriam construir e os verdes se tornava cada vez mais intenso e mais próximo das Dunas do Cocó. Enquanto isso, mais animais se reuniam e tentavam refúgio em outro local. Mas que outro local? Todos se questionavam. O ambiente era de medo, insegurança e angústia.

A Largatixinha ficou extremamente inquieta. Foi até a movimentação e ficou observando por um tempo. Depois, retornou e questionou o Sr. Sapo:

"Mas vejo que eles não estão felizes. Parece que não se entendem. Por que fazem isso?"

"Não compreendo a lógica desses seres superiores. Só vejo morte, briga, guerra, egoísmo. Eles só pensam em querer mais, em ter tudo. Primeiro, criam a ARIE Dunas do Cocó e dizem que esta é uma área de conservação de uso sustentável. Depois, vêm com uma história de Zona de Ocupação Consolidada... É, realmente muito difícil entender esses seres. E o pior é que se dizem racionais", continuou o Sr. Sapo-da-Areia.

"Mas, Sr. Sapo, eu aprendi que devemos cuidar do meio ambiente, respeitar o próximo e preservar a nossa casa planetária. Será que os pais deles não os ensinaram isso?" perguntou a Largatixinha.

O Sr. Sapo-da-Areia, com os olhos cheios de lágrima, pôs sua pequena pata ao redor da Lagartixinha e ficou ali esperando o final do embate, na esperança de dias melhores.

Reflorescer

Joaquim Messias Matos Filho

A ausência de vozes humanas o assustou. Eduardo não estava habituado ao silêncio cheio de sons que encontrou no meio da densa vegetação. As plantas, que para ele sempre estiveram mortas, simples decorações aos eventos do dia a dia, assumiram, de repente, uma nova forma; vida, eram multiformes, confiantes em todos os seus tons e infinitos detalhes. Não estavam subjugadas a suposta civilização do menino, mas apresentavam-se com fantástico porte, sem pedir com licença ou obrigado. A presença arrebatadora da floresta, entretanto, não convidava Eduardo a partir, muito embora também não lhe oferecesse à mão. Ela apenas parecia aceitá-lo com certa indiferença nos emaranhados de seu reinado, permitindo-lhe conhecer os segredos que guardava, caso ele tivesse qualquer interesse em descobri-los.

As outras criaturas vivas, fossem animais, fungos ou seres invisíveis aos sentidos dos homens, mesclavam-se de tal forma com o verde das folhas, com o aroma da madeira e das flores, com a altura dos troncos, com o farfalhar das copas, que era improvável conseguir divisar onde começava um e onde terminava o outro, perdia-se o limite entre as formas. Na verdade, Eduardo percebeu, com o medo aos poucos minguando em seu peito, que a divisão que os seus camaradas de espécie impunham à vida era uma ilusão. Estavam todos embebidos em uma complexidade pululante, unidos como os inumeráveis fios de uma tapeçaria. O sangue da confraria corre por inteira pulsante natureza. Dos ventres longínquos do subterrâneo, dos abismos do oceano, dos gélidos

impulsos da montanha, ali crescem e morrem irmãos. O minúsculo e o desmedido, o que se foi e o que se é. Naturalmente, essa percepção não lhe surgiu de pronto, assim completamente constituída. Demorou-lhe ainda muitos anos para entender a profundeza dos pensamentos que lhe trespassaram à cabeça durante aquela tarde de sua infância.

Deixou seus pés descalços afundarem na terra, cobriu-os com as folhas que partem das árvores e fazem do solo seu abrigo. Mais tarde, as folhas morreriam, alimentando o que antes costumavam ser. Havia, desse modo, uma hierarquia cheia de íntimos mistérios que as pessoas, infelizmente, tendiam a ignorar. Eduardo sabia que sim, pois, até um instante atrás, fora uma delas. Imaginava a natureza com simplicidade, crendo-se infinitamente apartado da mesma. Aquela experiência, porém, tocava de leve o seu ombro e mostrava-lhe o contrário. Era preciso se permitir esquecer todas as palavras, todo o cotidiano, e vislumbrar com humildade, e principalmente, fascínio, o mundo cru que a floresta lhe apresentava.

Eduardo crescera em um condomínio apertado nos subúrbios de Fortaleza. Filho único, divertia-se imaginando que era o primogênito de uma longa fila de irmãos. Nessas fantasias, ele se colocava como um pequeno déspota, ordenando que seus jogos prediletos fossem iniciados, e que seus mais diversos caprichos, seguidos à risca. Era uma criança gorducha e solitária, escondida por várias camadas de concreto. A mudança para a Amazônia fora, portanto, um imenso choque. A princípio, ele não acreditava que seus pais pudessem estar falando sério e aferrou-se a idéia de que era tudo um grande mal entendido. Afinal, ele tinha certeza de que nem ele nem seus pais eram índios, sendo assim só uma questão de tempo até que sua mãe e seu pai também percebessem o equívoco e desistissem daquele plano maluco. Adultos eram um tanto quanto estúpidos, vá lá, mas, mais cedo ou mais tarde, se lhes dermos tempo, eles conseguiam compreender as coisas, certo? Ficou torcendo, esperando, e, para sua profunda consternação, a viagem de fato se concretizou, e ele se viu parado no lotado aeroporto de Manaus, sentindo as lágrimas percorrem suas bochechas e salgarem seus lábios.

A mata cerrada era um labirinto. Mas, nada como os labirintos artificiais que Eduardo vivenciara nos parques de diversão com suas máquinas, algodão-doce e funcionários aborrecidos. Era o mais próximo que ele jamais viria a sentir de uma magia real. Não importava se

seguia para a esquerda ou para a direita, ambas as direções lhe guiavam a uma emboscada de maravilhas. Agora que a Terra girava e virava às costas ao sol, ele podia avistar a despedida do astro-rei através das folhas que cobriam o céu. O laranja e o dourado eram dignos da retirada do monarca, pressagiando o despertar da rainha da noite, a bela dama em véus prateados: A lua. Eduardo já não tinha medo, estava vivo como nunca antes estivera.

Se houvessem permanecido em Manaus, ele talvez tivesse se esforçado menos em ser tão odioso, porém, enquanto o carro que os guiava chacoalhava por ruazinhas de terra, Eduardo fez uma promessa consigo: irritar os pais sempre que pudesse , até que eles desistissem daquela loucura. Seu pai era um antropólogo. Eduardo nunca pensara muito a respeito, soava-lhe uma profissão de suficiente importância e ele abandonava o assunto por ai, entretanto, naquele momento, com seu sangue sendo a refeição de uma dezena de mosquitos, jurou vingança aos antropólogos do inundo e ao que eles representavam: Selvageria.

Estava ficando escuro, novos sons tomavam a paisagem. Ele estava vivo, como toda aquela vida ao seu redor, em sua pele, em seus pés, em seu cabelo. Sentou. O canto dos pássaros ninava seus ouvidos, a umidade abraçava sua pele, a brisa lhe sussurrava gracejos. Como podia ter acreditado que havia uma muralha entre seu corpo e aquela realidade? Como podiam falar nos jornais e nas rodas de conversa sobre salvar a natureza? Nada disso. Estavam salvando a si mesmos, pois eles, homens de todas as cores, raças e credos, são essa mesma natureza que clama por alento. Pode-se atravessar a existência ignorando sua trama de matizes sem fim, crê-la encerrada inteira nas tardes ensolaradas do senso comum, do velho cotidiano, acreditar que ela é apenas esses acontecimentos banais a nos seguir desde nossa tenra juventude. Eduardo poderia ser mais um cego, contudo, a floresta lhe proporcionara visão, e por isso ele para sempre lhe seria grato. Não queria ser mais um prisioneiro a afundar na superfície. Não mais iria se resignar a acreditar no castelo de cristal onde todos pareciam jazer conformados.

No antigo apartamento de Fortaleza, havia um quadro mal pintado pendurado ao lado da televisão. Eduardo, às vezes, nos comerciais repetitivos que invadiam sua mente durante os intervalos dos desenhos animados, deslizava seus olhos e os fixava na imensa sequóia que o qua-

dro retratava. Não lhe gerava grande interesse, ele pensava já conhecer o que era básico e necessário sobre o assunto, sendo qualquer outro segredo, um exagero inútil. Existem os animais, as plantas, os minerais e os seres humanos. Os últimos destroem todos os três primeiros e são antagônicos às florestas. Havia também algo sobre indústrias, meio ambiente, e a grande distância entre os homens, com suas cidades, e esses lugares especiais, embora infelizmente cada vez mais escassos, onde se podia vislumbrar a tal da natureza. Finito. Preto no branco. Eduardo deixava-se ficar entediado contando os segundos até a volta de seu programa de televisão.

Ora, mas, afinal, a floresta era real! Tão real quanto a sua cidade de pedra. Não era um mito ou uma realidade à parte. Cavou a terra para ter as unhas sujas de lama. O nome floresta perdera seu antigo significado. Não era por ela que ele se deslumbrava, não mais cria que fosse uma entidade separada, ele se maravilhava era por toda a vida! Nenhum quadro desbotado de uma sequóia, nenhuma aula sobre meio ambiente ou documentário científico o havia preparado para a força autêntica, sólida, que se mostrou presente ali. Tudo isso, quadros, aula, documentários, eram simples caricaturas diante da cena verdadeira.

Não tinha planejado a fuga para o meio da floresta, onde tudo acontecia agora, nem tampouco imaginado ver-se ali. Fora, como de costume, para a escola decadente onde estava matriculado -"é apenas um ano, Dudu, depois você volta para sua antiga escola em Fortaleza, tá bom?" — Lanchara uma barra de chocolate no recreio e, percebendo uma oportunidade de escapulir dali, não pensou duas vezes em aproveitá-la. A professora não o viu pular o muro, distraída com seu celular, porém, ainda assim, Eduardo gastou todas as energias em uma corrida frenética. Continuou correndo, distanciando-se do povoado que era seu lar temporário. Em algum ponto, pareceu natural abandonar a trilha principal e emaranhar-se na mata fechada. Estudava no período da tarde, e só pela noitinha sua mãe apareceria para buscá-lo. Ótimo, talvez agora finalmente seus pais se arrependessem da decisão inusitada de tirá-lo do mundo ao qual estava afeito.

Deitou e cobriu-se completamente de folhas. Formigas escalavam seus braços, explorando esse curioso obstáculo que se impusera diante delas. Eduardo poderia esmagar uma dúzia desses insetos sem dificuldade, entretanto, descobriu de súbito o quanto isso não tinha valor.

Percebeu-se como um ser apenas capaz de destruir, de promover desordem, jamais de agir ao contrário e criar vida, de fazer surgir dúzias de novas formigas. Criar, isso sim, era digno de glória. Ficou-lhe, desse modo, claro como cristal o que faria com o restante de seus dias: iria construir, servir de soldado a bela causa da poesia, bater-se contra a tendência de morte à natureza. Iria criar, fosse com palavras, sons, argila, tintas, sabores, areia, neve ou com seu próprio sangue, criar! Rogar a sua voz que viesse, que irrompesse de suas vísceras, que fluísse de dentro de si e fizesse de seus pensamentos uma brisa em meio ao vendaval da existência. Criar, não por dinheiro ou fama, mas pela próprio ato da criação.

— Eduardo! —o grito ecoou através do matagal.

Ainda não! A voz materna continuava sendo um cálido aconchego, mas se anunciava por demais antecipada. Haveria de conseguir explicar as epifanias que tivera no decorrer da tarde? Eduardo frustrava-se com a idéia de falhar, de se ver calado quando desejasse esbravejar.

— Eduardo, caramba, você tá aí? Eduardo!

Por trás de seus óculos quadrados, das quinquilharias em seus bolsos, da roupa em seu corpo, do seu quinhão de sociedade, Eduardo escutava os rufos dos tambores, em pesada-arrastada melodia, ouvia-os profetizar a explosão de música pós-vir, e assim, o ritmo enlouquecido, o rompimento dos grilhões, o vôo para além do maquinal.

— Eduardo! Eduardo!

O desespero dela foi aos poucos penetrando por seu estado de paralisia, sugando-o de volta as minúcias do comum.

— Aqui, mamãe, eu tô aqui... —Respondeu em um ruído, em um fiozinho de voz. Fechou os olhos. Abriu-os. —Estou aqui!

— Filho! Onde, filho? Cadê você?

— Eu estou aqui! —Eu estou aqui, de fato, ele era vida e estava ali. Berrou com todo o ar de seus pulmões, alto, sempre mais alto.

Sua mãe tremia quando o encontrou. Ela o abraçou apertado, em um misto de violência e carinho. Transbordava alívio, protegendo-o em seus braços.

— Achou o menino? —perguntou um dos moradores da área, que havia ajudado nas buscas.

— Achei, Maurício, muito muito obrigada. Eu, é... Será que você poderia avisar para o meu marido e para os outros? Já estamos

voltando, muito obrigada.

Eduardo começou a chorar. Chorava pela vida, pela morte, pela aula, pelo abraço da mãe, pela saudade de sua terra, pela profundidade de sua experiência.

Chorava de terror, chorava de deslumbramento. Chorou por muito tempo ainda, e o mais acertado talvez seja dizer que jamais parou...

O Meio Ambiente Agradece!

Ana Paula Bezerra Pinheiro

Tiago e Gabriel são irmãos que moram com seus pais na cidade de Fortaleza.

Os meninos fazem parte de uma família privilegiada. Moram num apartamento pertinho da praia e da janela de seus quartos podem apreciar a vista maravilhosa da Beira Mar. O vai e vem das ondas, o ir e vir das jangadas, a movimentação de moradores caminhando no calçadão, de turistas conhecendo as belezas do local e de pescadores comercializando o fruto de seu trabalho árduo.

Mas, nem tudo são maravilhas, pois da janela também podem observar uma série de mudanças na paisagem. No Morro de Santa Tereza, a velocidade com que os pequenos casebres estão sendo construídos, chama a atenção de Tiago, que comentou:

— Gabriel, você viu que a cada dia, mais e mais casebres são erguidos sobre as dunas?

— É, Tiago. E ninguém toma providências. Minha professora da escola explicou que isso se chama povoamento desorganizado. Essas famílias não têm onde morar, e aí vão erguendo suas casas onde tem um pedacinho de chão disponível. E na maioria das vezes esses locais estão situados em locais de dunas, nas margens de rios, em regiões de lagoas aterradas. E esse não é um problema exclusivo da nossa cidade. Este é um desafio para os gestores das grandes metrópoles, comentou Gabriel.

— E isso é bom, Gabriel? - perguntou Tiago.

— Não, Tiago. Essa situação expõe essas famílias ao risco. O poder público deve agir rápido!- respondeu Gabriel.

Podem também ver da janela que, em alguns dias, a cor do mar parece diferente e exala um odor nada agradável. Muito observador e curioso, Tiago perguntou:

— Gabriel, por que o mar hoje parece ter sido pintado com outra cor naquele pedaço?

— Isso é poluição, Tiago. Muitos hotéis, restaurantes e condomínios jogam o esgoto no mar. - respondeu Gabriel.

— Não é possível! - indignou-se o menino.

— Mas é a mais pura verdade, mano. É por isso que no final de cada semana, a SEMACE, órgão que faz a medição dos níveis de poluição das águas, divulga as praias impróprias para banho.

— Gabriel, eles também avisam os peixinhos? É, porque é impossível viver num local desses.

— Não, Tiago. Os peixinhós não são avisados. E eles sofrem diretamente com essa situação. Não só os peixes como também todas as espécies que habitam esse ecossistema. A falta de oxigênio na água provoca, muitas vezes, a redução e até a extinção de muitas espécies de plantas e animais.

Da janela do apartamento também podem observar o trabalho diuturno dos garis, ora lavando o calçadão, ora passando no caminhão recolhendo o lixo das residências e estabelecimentos comerciais do local, ora recolhendo com seus carrinhos o lixo das calçadas, das ruas e do chão. É quenga de coco, é latinha de cerveja e refrigerante, é copo descartável. E Tiago comentou:

— Gabriel, será que as pessoas não percebem que existem várias lixeiras espalhadas pelo calçadão?

— É Tiago, isso é um problema de educação. Cada pessoa deve ter consciência do seu papel de cidadão. E cidadão não é só aquele que cobra os seus direitos, mas também aquele que cumpre os seus deveres.

— Pôxa, Gabriel! Será que o homem só faz coisas erradas?

— Calma, mano. Não é bem assim. Você está vendo aqueles grandes cataventos girando logo ali na frente?

— Estou. — respondeu Tiago.

— Pois é. Aquelas pás gigantes, em forma de catavento, funcionam com a força do vento. E quanto mais forte for o vento, mais elas

giram e mais energia elas produzem. É a chamada energia eólica. E o melhor dessa história é que ela é considerada energia limpa, pois não agride o meio ambiente. E o Ceará é o estado que mais produz energia eólica em todo Brasil. - explicou Gabriel.

— Ufa! - respirou Tiago aliviado. - E eu pensando que o homem só fazia coisas erradas. Não é que de vez em quando ele também acerta!

— Tenho que ir, mano. Marquei com a turma em frente à estátua de Iracema para darmos uma volta de patins e curtirmos um pouco as férias.

Tiago, apesar da pouca idade, passou o dia pensando em toda aquela conversa que teve com seu irmão. Apesar de ter apenas 12 anos de idade, Gabriel é muito antenado, lê o jornal que seu pai assina, assiste os noticiários da TV, participa ativamente das aulas, e por tudo isso, Tiago, como caçula, o admira muito, apesar das briguinhas próprias de irmãos.

No dia seguinte, Tiago acordou com uma ideia. Convocou seus amigos do prédio e os convidou para fazer uma campanha, de porta em porta, sobre a preservação do meio ambiente.

— Em vez de destruir a natureza, vamos conservá-la. Se começarmos agora a preservar nossas dunas de areia, nossas lagoas, nossos rios, nossas praias e o bairro onde moramos, que é um dos cartões-postais de Fortaleza, esse calçadão vai ficar cheio de turista, porque todo mundo vai querer nos visitar. E não vai ser bom só para o turista, não! Para nós, que moramos aqui, será maravilhoso! E é bom a Prefeitura reorganizar também o espaço destinado à feira artesanal e às barracas de praia. Permissionários, moradores e turistas devem conviver de forma harmoniosa, preservando esse espaço tão lindo que é de todos nós; falou Tiago, efusivamente.

Vendo todo aquele discurso de longe, Gabriel ficou todo orgulhoso de seu irmãozinho. Se aproximando, falou:

— Vou convocar a minha turma para aderir à sua campanha. Teremos umas férias de muito trabalho, mas também de muitas realizações.

Parece que a conversa de Tiago, com seu irmão Gabriel, despertou nos corações de muitas crianças o desejo de conhecer um pouco mais a nossa cidade, desvendando seus problemas e descobrindo as suas belezas. Aprendendo a amar o que é nosso, para também aprender

a amar o espaço do outro. E assim, conscientes de que fazemos parte do Planeta Terra, estaremos conscientes também de que toda ação negativa para com o planeta será uma ação negativa contra nós mesmos. Mesmo pequenas atitudes podem fazer a diferença e levar a grandes transformações. E o meio ambiente agradece!

Devolvam a minha mata!

Francisco Ernane de Freitas

Há uma tristeza imensa em mim, quando passo por aquela fazenda. Dá uma vontade de fechar os olhos e tentar recriar por instantes uma paisagem que por uns tempos era completamente minha e que sinto deveria existir para sempre. Que fizeram com minha mata? Porque deixei que isto acontecesse?

Algumas coisas nos parecem definitivas, sólidas, imutáveis, eternas, no momento em que as vemos pela primeira vez. Quando se percebe a sua beleza, a sua estrutura, o seu tamanho e os seus sons, quando tudo parece traduzir música aos nossos ouvidos e encanto aos nossos corações. Quando a gente se assusta com a grandeza das coisas e desconhece o poder de destruição que tem o homem, e tudo parece pronto, acabado, indestrutível. Quando a gente se sente parte da natureza e não consegue distinguir quem foi feito para quem, mas que as coisas simplesmente existem.

Ao entrar naquela mata, a gente se sentia exatamente assim. E não eram apenas os meus olhos e meus sonhos de criança que a faziam parecer tão grande e exuberante.

De repente o estreito caminho nos levava a invadir uma cortina de árvores enormes que deixavam passar timidamente a luz do sol e quase era preciso pedir licença para entrar porque parecia outro lugar. Viam-se folhas espalhadas pelo chão e era sobre elas e todas as suas cores que se caminhava. Árvores cujas espécies talvez nem os mais velhos e conhecedores seriam capazes de identificar. E o canto e o barulho

encantador de pica-paus (que podiam ser ouvidos ali bem pertinho de nosso quintal) e sei lá quantos tipos de pássaros. E sagüis que se divertiam alheios aos que passavam. Todo tipo de animal rastejante deveria existir por ali. E ao atravessarmos este novo lugar havia por vezes um silêncio que, se prolongado, parecia indicar que éramos nós, os invasores, a única forma de vida presente.

Era mágico atravessar aquele lugar. Não se pensava no tempo, apenas se queria que ele não passasse. Cheio de coragem, por alguns instantes a gente se sentia capaz de ouvir qualquer som e enfrentar qualquer coisa, e quase se desejava que algo ou alguém aparecesse. Não se queria demorar muito, mas ficava-se triste quando terminava a travessia e chegava-se do outro lado. E não se entendia como de repente não havia mais mata e tudo que se via era a antiga paisagem, sem bichos, sem pássaros, sem folhas, sem sons, sem mágica, sem nada.

Como pode não existir mais a mata?

Pois é. Agora estou diante de meu neto e tenho que dizer a ele porque não existe mais aquela mata, a minha mata. Eu que reclamo de meus pais porque eles são de um tempo em que não se davam explicações às crianças. E que não sei comno fiquei sabendo, mas alguém disse que no lugar daquela mata haveria uma nova plantação que garantiria o nosso sustento, e para eles estava tudo explicado.

Não meu pequeno, não é bem assim. Ninguém conseguirá me explicar porque os adultos não escutam as crianças. Ninguém jamais me convencerá que aos adultos é permitido mudar a paisagem, desrespeitar as crianças, ignorar os sentimentos e destruir sonhos.

E eles nunca entenderão porque eu nunca esqueci o espetáculo daqueles sagüis que eu via pular entre as árvores e porque ainda hoje eu guardo a imagem e escuto os sons daqueles pica-paus.

Talvez seja por isto que gosto tanto de Augusto dos Anjos quando diz “esta árvore, meu pai, possui minh’alma, não mate a árvore para que eu viva!”.

Talvez seja por isto, meu pequeno, que aprecio a tua escola quando diz “salve o planeta”, porque sei que teu pequeno coração entende a grandeza de amar e preservar a natureza.

Resta-me protestar e lutar para que isto não mais aconteça, resta-me dizer-te que lute com todas as tuas forças para que não se destruam sonhos e sentimentos, e para que não precises como eu gritar bem alto aos quatro cantos: ‘DEVOLVAM A MINHA MATA”.

Alguém pede socorro

Yolita de Araújo e Sá

No cruzamento das avenidas Antônio Sales e Santana Júnior um grito indescritível se ouviu. Um veiculo parado, de faróis acessos com a motorista ao volante pedindo socorro. Grita prá ninguém ouvir e lamenta pelos vidros da janela do veículo quebrados. Através dessa, sua bolsa “de couro”, subtraída num piscar de olhos. Com a bolsa foram levados o celular, a carteira de cédulas, documentos, um baton, escova de cabelos e uma pequena agenda.

Próximo dali, vários carros acerelam em disparada. São testemunhas oculares de um fato comum, a partir de 22 horas de sexta-feira naquele mesmo lugar.

Na delegacia, o escrivão pede o relato:

— A Senhora foi assaltada em que lugar?

— No cocó. No cruzamento tal...

— Ah! no Cocó? Ali toda semana tem assalto.

— E a policia não faz nada? Ao menos os objetos são recuperados?

— Que nada minha senhora. Nem uma coisa nem outra. A polícia não tem pessoal suficiente para botar em cada esquina... o jeito é a população tomar cuidado. ti

— E a minha bolsa? Meus cartões, disse a balzaquiana engolindo o
choro.

— A senhora passe outro dia aqui, que se a gente recuperar a

gente lhe entrega. Assine aqui o B.O., concluiu o escrivão.

Para muitos, o Cocó é o sinal. É o cruzamento, é a ponte, é um lugar perigoso. Naquela noite comum, sexta-feira qualquer, as árvores escuras do manguezal presenciaram em silêncio mais um assalto paralisante. Um crime banal nos dias de hoje. Sinal dos tempos! O clichê vem de gerações passadas. É o tempo que fala.

Dia seguinte, de manhãzinha, o vento assobia forte e emana um cheiro de lama cheirosa. É o mangue acordando com a brisa marinha. No alto, as árvores pendem prá todos os lados, realizando o balé com a ventania que anuncia um dia ensolarado. Garças brancas cortam o bairro Salinas sobrevoando ruas e prédios até chegarem a Aerolândia. O alvo é o pico da centenária abricó-de-macaco, onde fazem seus ninhos. Irmanados, o maçarico, o gavião-rapina, o pinhé, sibites-do¬mangue, o sanhaçu e a galinha d'água buscam o alimento do dia e dividem o araticum: a graviola amarela.

Alguém pede socorro!

Naquele pedaço de Fortaleza, o meio ambiente reflete o rio, o mangue e a floresta na luta pela sobrevivência.

Serpenteando a cidade, o Cocó desce a Serra de Aratanha até sua foz na Praia de Caça e Pesca. No leito, uma gosma preta paira sobre o solo infértil, desnutrido, esverdeado pela aguapé, enquanto uma nódoa esbranquiçada na superfície diz que o rio agoniza lentamente.

Em seu entorno, a falta de planejamento urbano provocou um aumento desordenado de construções habitacionais, contribuindo fortemente para ampliação de contrastes sociais.

O que se sabe é que os elementos água, terra e o ar foram modificados de seu estado natural para atender a necessidades do processo industrial. Em nome do .progresso econômico, a exploração da natureza tomou vulto com devastações e crescente poluição das águas. Diante desse fato, o diagnóstico de ambientalistas deixa claro que a pena para esse descaso é a extinção das espécies.

O novo quadro socioambiental é uma herança do desenvolvimento concentrado em setores da economia industrializada, pós-revolução do século XIX. Inserida na modernidade, a base para discussão mundial se assenta na melhoria da qualidade de vida das populações, a partir da consciência de que o homem precisa urgentemente proteger, recuperar e preparar o planeta para as atuais e gerações futuras.

Porém, a discussão sobre a questão ambiental chegou mais fortemente nas últimas duas décadas; um pouco tarde para recuperação dos recursos naturais, agora escassos, mas é urgente e necessária a execução de várias ações na forma de se reciclar e reutilizar materiais, reformar ou reusar produtos, ao mesmo tempo introduzir educação ambiental nas comunidades, principalmente através da escola.

De um modo geral, em defesa do meio ambiente, medidas simples de preservação ganham sentido com a ampliação de políticas públicas adequadas e efetivas. Ganha sentido também, mais reflexão sobre a motivação dos elementos da natureza ao demonstrarem capacidade de interagirem entre si, se renovarem e resistirem à intervenção humana.

Nesse contexto, o socorro ao cruzamento das duas avenidas têm como pano de fundo o tecido social, cujos conflitos resvalam na indiferença pelo meio ambiente.

Visivelmente poluído, o córrego do Cocó, quanto o mangue estão na iminência de desaparecer. Os motivos nos levam a pensar nas liberações indevidas do uso do solo, litígios judiciais exitosos por parte daqueles que podem pagar para obter o bem da União a qualquer custo, bem como a condução deliberada de pessoas miseráveis que não detém recursos financeiros para lhes bancar a moradia e se postam à beira de rios e açudes, a fim de tirar destes o próprio sustento.

Motivados por situações diversas, o Cocó tornou-se o meio de um ambiente redesenhado pela ação humana.

Nesse sentido, um aterro cedeu lugar ao bairro Lagamar. Próximo dali, o lixão do Jangurussu assombra pela altivez, enquanto crianças e animais disputam o mesmo alimento, à luz do transeunte acostumado a cena comum naquele pedação de chão.

A interferência do homem soterrou microorganismos e destruiu ecossistemas. Ademais, na vasta extensão das margens, foram construídos barracos, comércios, favelas e casas de alvenaria para a população de baixa renda. Em virtude da posse ilegal, o esgoto é despejado direto no rio numa evidente demonstração de agressão ao meio ambiente.

Por outro lado, aterramentos e a derrubada de árvores para construções de prédios descumprerm a legislação ambiental. Empresários do ramo imobiliário desnudam a mata nativa a erigir torres comerciais, shopping e outras construções. Ateando fogo, abrindo estradas ou entrecortando o mangue com pontes a fim de realizar projetos privados,

estão contribuindo para desastres ecológicos, porque o fato de se aterrar o mangue interfere no ciclo de vida dos microorganismos, dos caranguejos que perdem suas tocas, e ainda há diretamente alterações profundas na salinidade da água.

Do lado rico do rio, o corte na natureza bruta desabriga macacos, saguis, preguiças e as garças que sacrificam vôos sob a poluição do asfalto na busca desesperada pelos arbustos do mangue, do pouco verde que resta.

No espaço vivo do mangue, a essencialidade da cadeia alimentar para o ecossistema encontra razões para resistir, mas é preciso competência na gestão ambiental e políticas públicas adequadas para que a riqueza do meio ambiente seja preservada e não sucumba num futuro muito próximo.

Alguém pede socorro.

O Cocó não é o sinal, não é o cruzamento, também não é a ponte, mas ele corre perigo.

Logo se vê que o meio ambiente é produzido socialmente. Os dramas urbanos refletem um conflito visível na sociedade, talvez porque o processo de desenvolvimento entra em colapso quando os sujeitos se imiscuem com o objeto que lhes dá sentido.

Por assim dizer, compreender a luta pela sobrevivência do maior rio que banha uma metrópole, e, diante da grandeza e da importância de seu ecossistema para a vida do fortalezense, equivale a compreender que a natureza não é um espaço vazio; que sua interação com o homem tem por essência o respeito às leis naturais.

E que, a partir a Constituição da República de 1988, o meio ambiente ganhou reforço na legislação tocante a sua preservação. No Ceará, a proteção contou com códigos, leis e decretos das instituições públicas como a SEMACE, a SEMAM, CON PAM, assim como a fiscalização pouco atenta da sociedade civil organizada.

No cruzamento das avenidas Antônio Sales e Santana Júnior um grito de alerta silencioso e pungente chama a atenção do homem.

Alguém pede socorro.

A estrelinha e o Natal na Sefaz

Dulce Ane Pitombeira de Lucena

Uma estrela pode durar milhares de anos e ela morre quando sua luz apaga.

Chegou por estes dias, uma notícia de que Deus chamou uma de suas estrelas, cujo brilho já estava acabando e deu a ela uma missão.

- Ouvi falar que na SEFAZ do Ceará, está acontecendo uma gincana natalina. Quero que desça na terra e me traga informações sobre essa tal gincana – Falou Deus para a estrela.

- Mas Senhor, longe daqui do céu, o brilho que me resta há de apagar.

Deus sabia que aquela seria a última viagem da estrelinha, e disse:

- Querida estrela, será bom para você conhecer outros seres.

E assim a estrela chegou na SEFAZ, seu brilho apagou, ela ficou invisível e dessa forma ninguém podia vê-la.

O primeiro lugar que visitou foi a CEDRH, nasceu nos arquivos e encontrou o edital de Gincana. Logo, logo ficou a par de todas as provas.

Viu pessoas correndo com máquina de fotografia, outros dando as informações das regras, uns preparando slides e outros preparando formulários para a comissão avaliadora.

Quando ia saindo da sala, ainda pôde ouvir um comentário:

- Será que este ano vamos ter mais unidades participando? Ano passado foram só três. Que Deus nos abençoe.

Quando escutou o nome de Deus, a estrelinha ficou toda anima-

da e pensou:

"Olha só, Deus faz parte dessa tal gincana. Será que ele sabe disso?"

A estrelinha descobriu onde ficava a sala das doações e fui até lá.

"Nossa! Quantas coisas! Isso tudo é para compartilhar?" Perguntou.

Antes que fosse embora, ouviu um comentário que lhe deu a resposta.

Uma mulher sentada, olhava para a montanha de sacos de leite e dizia para os colegas:

"Viram só? Os fazendários quando motivados participam e fazem bonito."

Ao ouvir as palavras "crianças" e "solidariedade" a estrelinha vibrou e pensou:

"Deus está mesmo por aqui!".

A estrelinha agarrou-se ao ombro de uma rapaz que ia visitar as unidades para registrar as doações natalina.

"Ah, essa eu quero ver, pensou ela."

Chegou na CAT e viu dois ambientes bem diferentes, ficou encantada com as árvores feitas de revistas, tudo material reciclado, aproveitado inclusive do ano passado.

Na CENOR uma enorme gruta abrigava o menino Jesus.

E pensou: "Do Pólo Norte ao Semi-Árido, o Natal é celebrado".

Na COTES, ficou admirada com a diversidade de enfeites. Até o extintor ganhou gorro de Papai Noel. Tinha de tudo, árvore, presépio,estrela,luzes.

"Aqui o Natal se espalhou nos quatro cantos, para mostrar que em todo lugar o espírito natalino está presente".

Visitou o Gabinete e a ADINS, logo na entrada viu um presépio bem rústico que lhe lembrou a simplicidade do menino Jesus, e suspirou. A sala estava enfeitada com flores e laços.

Chegou na CATRI e uma árvore bem grande ficava ao lado de um belíssimo presépio.

Ficou emocionada quando ouviu alguém comentar:

"Este foi o primeiro ano que participamos, no ano que vem vamos fazer melhor ainda".

A estrelinha pensou:

“Este é o espírito natalino: Dar o melhor de si e a cada ano querer ser ainda melhor.”

A estrelinha visitou a COREX e viu árvores feita de material simples virarem árvores grandiosas que batiam no teto. Não era uma árvore, eram 2,3,4 ...

Nossa! Que lindas! Pensou a estrela.

No Núcleo de Centro, um laço enorme na porta fazia quem passar por ela se sentir valioso.

A estrela ouviu até uma fofoquinha. Soube que os contribuintes perguntaram admirados: “Aqui é mesmo a SEFAZ? O que aconteceu?”

Tinha fila dos clientes tirando fotos na árvore.

Foi então aos Postos Fiscais do Aeroporto e Aracati. Era uma correria, um movimento só, mas lá estava a decoração: guirlanda,árvore e mesas com doces e panetones.

Aquelas unidades lembram para a estrela, que “o natal cabe em todas as horas”.

A agitação do atendimento não impediu as pessoas de cuidarem do seu ambiente.

Lá no CONAT cada andar tinha sua beleza.

Tinha laço em cada porta, Menino Jesus, papéis prateados no telão lembraram estrelas e a turma fez um painel onde cada um escreveu um cartão de Natal para a equipe.

“Um painel de sentimentos e bons votos. Que legal! “Pensou a estrela Na CESEC, a turma da Auditoria caprichou: árvore de natal de balões!

Lembrava o quanto podemos encher nosso ambiente com o sopro de amor, da amizade, da fé e alegria.

Ainda tonta com tanta beleza que viu, a estrelinha deu um jeito de ler os contos: chorou, riu, e no final, suspirou!

Ela pensou: “Quanta criatividade! Eu pensei que fazendário só sabia arrecadar, eita pessoal arretado”!

A estrelinha já tinha aprendido palavras de cearense. E dizia:

“Eita turma danada!”

“Só volto quando terminar tudo. Se Deus não deixar eu ficar, vou botar boneco”.

A estrelinha escreveu uma carta para Deus e dessa vez foi a equi-

pe do RH que espionou.

A carta dizia:

"Senhor,

Existe mesmo uma gincana natalina na SEFAZ do Ceará. Em cada prova, o Senhor está sempre presente. Hora abençoando, hora na partilha, hora na formação das equipes, na criatividade dos escritores, nas estrelas, nas árvores, em tudo...

Existe um clima de concorrência saudável, sabe do tipo que a gente faz para saber que anjo fez mais bondade.

Quando eu cheguei aqui e vi as pessoas correndo atrás de papel de DAE, de um tal de ICMS, eu pensei: "este pessoal aqui mesmo, lá vai parar e participar de gincana".

Pois bem, me enganei.

A turma continua trabalhando, mas encontrou tempo para entrar na corrida de solidariedade.

Eu sei que ontem era o dia que eu tinha que voltar, mas eu é que não vou perder a apresentação das últimas provas.

Já falei com o RH e eles me arranjaram uma cadeira especial no auditório.

Quando eu voltar lhe conto tudinho.

P.S.: Seu eu fosse o Senhor eu dava uma olhadinha de perto...

E é isso. A estrelinha vocês não podem ver, mas ela está por aí. Sabem o que ela me disse? "Dulce, eu sei que Deus está na oração, no pensamento e nas ações das pessoas. Mas foi muito bom ver que hoje todas as unidades que visitei tem um presépio com um menino Jesus de braços abertos".

Portanto amigos, vamos torcer por nossas equipes, mas lembrando que a nossa equipe maior é a SEFAZ.

Nessa gincana não há perdedores, pois nesse momento, ao receber a cartinha da estrela, aposto que Deus está olhando para nós, abençoando nossas doações e pensando:

Como o coração do fazendário sabe ser grande e solidário quando quer.

"Paz na SEFAZ aos homens de boa vontade"

Que Deus abençoe a todos nós.

TEMA:

EQUIPES QUE FAZEM ACONTECER

2014

Seca no Planeta Verde

FRANCISCO JOSÉ BEZERRA DE ANDRADE E SILVA

Os habitantes daquele mundo eram divididos entre as raças dos Erks, Krots e Zaplys. Os erks acreditavam que a chave do desenvolvimento da sociedade estava no progresso científico. Já os krots, colocavam como prioridade o equilíbrio com a natureza à frente de inovações tecnológicas. Os zaplys viviam do mesmo modo que seus ancestrais, pois acreditavam na tradição de seus antepassados, que determinava que a natureza devia ser intocável, constituindo crime inafiançável a derrubada de qualquer árvore.

Durante milhares de anos os povos guerrearam entre si, ora conquistando, ora defendendo território, em busca das riquezas situadas naquela terra, sem nunca nenhum grupo ter chegado a alcançar a supremacia global. Chegou então o tempo de uma grande seca. Os celeforantes e frilápades, animais usados na alimentação da população, jaziam por todo o solo. As plantas também iam lentamente fenecendo. A extinção das espécies era um futuro cada vez mais provável.

Diante da crise batendo à porta, os cientistas de Erk conseguiram, após anos de pesquisa, desenvolver uma técnica para dessalinizar a água do mar de forma abundante, tornando-a própria para o consumo e em programas de irrigação. O problema: eles não dispunham de capital para concretizar o projeto, pois o país também passava por um período de forte crise econômica. Foi então organizada uma comissão de diplomatas e técnicos para negociar com os empresários de Krotz. Após um começo dificil de reunião, onde foram relembrados conflitos

antigos entre os povos, com troca mútua de acusações, os dois grupos deixaram as diferenças de lado e chegaram a um acordo, convencidos pela urgência da situação.

Os melhores cientistas, engenheiros e lideres de projeto foram então reunidos em equipes setoriais para concretizar a produção da máquina de dessalinização. Uma grande estrutura organizacional foi engedrada entre os continentes do globo. Um planejamento sistemático, com comunicação frequente entre as equipes foi programado para o sucesso da empreitada. A supervisão ficava a cargo de dois gestores, um de cada grupo, que diariamente eram informados do progresso obtido. Entretanto, o projeto enfrentava dificuldade de prosseguir, pois a equipe de prospecção descobriu que o plextorium, mineral essencial na confecção do maquinário, só era encontrado na terra dos zaplys, que se recusavam em dialogar. Eles estavam convictos que a culpa da seca era devido à poluição e ao desmatamento provocado pelas outras duas raças.

— “Por que deveríamos ajudá-los se eles próprios causaram esta situação?”, questionava o líder daquele povo.

— “Mesmo que isso seja verdade, nosso planeta é um só e deixar de agir quando temos a solução tão próxima é inaceitável”, responderam os outros dois governantes.

O impasse perdurou por alguns meses até que se conseguisse firmar um tratado internacional, onde os governos de Erk e Krotz se comprometeram a colaborar com o reflorestamento e a redução da poluição, uma vez que estivesse garantido o mineral para a construção da fábrica.

Os dias foram passando até que, com 90% do projeto concluído, a esperança voltava a vicejar naquela terra tão sofrida. Mas, infelizmente, por pouco tempo. Logo, um forte estrondo ecoou por todas as instalações da fábrica. Janelas estilhaçaram, colunas desabaram, toda a estrutura veio abaixo com o terremoto. Em todas as faces via-se a tristeza, o desânimo e o temor de um futuro sombrio.

Tudo estaria perdido se não houvesse um plano de emergência. A equipe de gerenciamento de riscos previu essa possibilidade e em outro estabelecimento, longe da área do terremoto, estavam armazenados todos os materiais necessários que seriam usados na construção em uma situação como essa. Equipes de reserva também estavam de pron-

tidão e foram convocadas tão logo soube-se da ocorrência do desastre.

Por fim, depois de um longa caminhada, onde os percalços acima descritos foram superados, a produção das máquinas foi concluída. Todo o esforço deu resultado. Na etapa seguinte da empreitada, o setor de logística mostrou seu empenho na distribuição da água potável nas terras mais longínquas. Aos poucos, com a construção de canais de irrigação, o solo barrento voltava a verdejar. O espírito de cooperação, de diálogo entre povos diferentes e perserverança na busca de um objetivo comum, mesmo diante de todas as dificuldades, ficou gravado na memória daquela geração e nas que a sucederam.

Raiou então um novo dia ensolarado no planeta Terra 2.

TEMA:

EDUCAÇÃO

2017

Educação

Alvina Bandeira Braga

De há muito, a História nos apresenta exemplos de países que ascenderam, após serem devastados por guerras ou conflitos internos, graças à educação, a qual tem o poder de transformar pessoas, agentes de uma transformação ainda maior, capazes de modificar o mundo em que vivem. Grande era a preocupação dos filósofos, matemáticos, astrônomos com o ato de educar. Para eles não haveria outra forma de progresso senão pela capacidade de compreender a sua existência e desvendar o desconhecido. Devido a isso, preocuparam-se em preparar discípulos a fim de expandirem os seus conhecimentos e persistirem na busca de respostas a questionamentos acerca da vida humana, de sua complexidade e de todo o ambiente que o envolve.

Graças a esses estudiosos, chegamos a esse nível de evolução no qual nos encontramos hoje. Pois bem, em pleno século XXI, há ainda quem acredite que a educação não tem capacidade de mudar a vida das pessoas, dirá modificar o mundo. Contrariando tal pensamento, além de desmotivador, extremamente equivocado, a narrativa a seguir irá ilustrar de forma triste, inicialmente, e feliz ao término, assim se espera, não irei induzi-lo, colega leitor, a antecipação de que se terá um final como nos contos de fada. Deixarei a cargo de cada um para o possível julgamento.

Em meados da década de 90, precisamente em 1996, a cidade de Iondê, localizada na região central do estado, recebeu o título de cidade-modelo, o que deixou seus habitantes felizes e orgulhosos. O

então prefeito festejou e, em vez de gabar-se pelo feito, atribuiu o sucesso da pequena cidade aos feitos de um ilustre filho da terra, o qual deixara a desconhecida Iondê, à época, para não morrer de fome.

Após perder o pai e mãe aos oito anos de idade, deixou seus irmãos com uma tia também muito sofrida e, para não ser mais uma boca, rumou para a capital. Sem dinheiro algum, de carona em carona chegou à cidade grande. Perambulou pelas ruas, dormiu nas calçadas, passou mais fome do que imaginava. Vivia do que lhe dava: uma moeda, uma bolacha, uma roupa velha, um pouco de comida. Havia uma senhora muito generosa que, em algumas vezes, quando os filhos não estavam em casa, pois não permitiam que o acolhesse, oferecia-lhe, além de comida, banho. Ora ou outra, por pena e dó do menino, quando o via com o calção frouxo, não só pela magreza, mas por já ter perdido o cordão, presenteava-o. Mas um dia, pela idade, veio a falecer a bondosa senhora.

Com quase dois anos na capital, não estimava mais esperanças. Sentia dos irmãos muita saudade, no entanto não nutria nenhum desejo de retornar. Tinha a certeza de que estavam melhores que ele. Isso o confortava. Em uma noite, uma grande confusão surgiu próximo ao local onde dormia. Pessoas corriam para um lado e outro, nunca havia presenciado tanta movimentação. Havia gritos de crianças e mulheres. Homens com cacetetes batendo nas pessoas. Buscou refúgio, sem saber do que se tratava, por trás de uma banca de revistas, cuja abertura era mínima, por ser muito magro, conseguiu ficar entre a banca e o muro. Passados alguns minutos, quando tudo acalmou, saiu de seu esconderijo. O que não sabia era que os homens não haviam ido embora. Um deles o apanhou e levou-o para um orfanato, onde passou a conviver com outros garotos de sua idade. Junto com os colegas, fugiu por várias vezes. Por influência, começou a fazer pequenos furtos e a cheirar cola. Correr da polícia já lhe era comum e, em alguns casos, até divertido.

Aos doze anos, bateu-lhe novamente uma saudade e, ao ver crianças saindo de uma escola, sorriu e chorou. O sonho de estudar e de ser um doutor estava muito distante de sua realidade. Sentou-se debaixo de uma árvore, em frente à escola, e lá ficou por algum tempo. Tão concentrado que não deu conta da presença de um jovem moço que dele se aproximou. Não se assustou, como sempre ocorria quando

alguém se chegava a ele. O fato é que, durante semanas, no mesmo horário, ficava sentado à sombra da árvore vendo as crianças saírem da escola. Até que um dia, observou que o moço de quem dele se aproximou lhe acenou chamando-o até o portão da escola. Meio atônito e envergonhado, atendeu ao chamado. O homem, então, conduziu a uma sala e perguntou-lhe por que todos os dias ficava ali olhando as crianças saírem da escola. Sem deixar que respondesse, indagou-lhe se gostaria de estudar naquela escola.

A partir daí, sua vida mudou. Não só passou a estudar na escola, como foi ainda adotado pelo moço, recém-casado. Impossibilitado de ter filhos, viu na adoção a realização da paternidade. Recebeu do casal apoio, amor e carinho. Preocupou-se em nunca desapontá-lo. E assim, trilhou um caminho distinto das ruas. Mesmo fora de faixa, dedicou-se e, com afinco, foi acumulando aprovações. Aos 32 anos, graduou-se em Direito, seguiu a carreira de advogado e, chegou à promotoria por meio de concurso público. Durante o período em que estava na faculdade e já trabalhando, passou a fazer visitas à cidade com o objetivo de ajudar os seus dois irmãos e a tia. Isso se deu por anos consecutivos.

Aos 52 anos, já com a vida estabilizada, decidiu retornar de vez à cidade natal, a qual não evoluía. Mesmo em épocas bem distintas, na cidade ainda havia muita pobreza. Via crianças como ele, sem condições de um futuro promissor, sem oportunidades e sem perspectivas. Foi, aí, que decidiu fazer algo pela cidade. A educação havia lhe proporcionado não uma mudança, mas uma realidade da qual não mais acreditava ter. Sentiu na obrigação de modificar Iondê. Era cônscio de que, por meio da educação, além de proporcionar as crianças uma perspectiva de dias melhores, daria ao lugarejo condições para se desenvolver. Acreditava, assim como os grandes teóricos e pensadores, que o progresso real só se conquista por meio de uma educação sólida e democrática, à qual todos possam ter acesso.

Lutou durante anos, aos poucos, graças a sua influência, com a concessão de um terreno por meio da prefeitura e com apoio de instituições privadas, construiu a primeira escola de três outras que viriam logo depois, com capacidade para atender 200 alunos na faixa etária de 4 a 8 anos de idade. Por anos consecutivos, mais crianças eram atendidas e, aos poucos, em vez de rua, a escola passava a ser o lugar mais atrativo. Com o projeto em ascensão e sendo muito bem visto pela

comunidade, o prefeito da época resolveu investir na educação, tendo a continuidade com o sucessor. No período de 10 anos, a cidade já não mais possuía o mesmo perfil, passou a ser reconhecida na região. Em 15 anos, não havia, em Iondê, crianças fora da escola. Adolescentes se destacavam em olimpíadas e conseguiam excelentes resultados. A felicidade dos pais era estampada em seus rostos. Sabiam que os filhos não teriam a mesma vida sofrida que eles. Isso não só os confortava como lhes dava também a certeza de que seriam bem-sucedidos. Desde então, nenhum prefeito, ou líder político, ousou parar os incentivos em educação.

Iondê é hoje, passados 35 anos, após a criação de primeira escola, a expressão maior da educação nacional. Como consequência, o comércio ascendeu, a pobreza reduziu em níveis estratosféricos e já conta com uma universidade. O jovem garoto, que partiu fugido da fome e da miséria, não tinha em mente que pudesse, um dia, ser capaz de modificar a vida de várias pessoas, de uma cidade e de um país, pois a levou a um patamar de modelo para todas as outras cidades. Aos sessenta e sete anos, acometido por uma grave doença, veio a falecer. Em estado terminal, além do legado, deixou a seguinte frase: só se pode considerar um regime de governo justo quando se oferece igualdade de condições e de oportunidades. Sem isso, não teremos uma sociedade justa.

Educação

Fabrizio Gomes Santos

Em um reino muito, muito distante,
bem diferente do nosso, tudo ia muito mal.
As pessoas não se entendiam, a intolerância
predominava, políticos roubavam,
pessoas enganando umas às outras,
violência e matança.
Os Reis, que já não eram tão honestos também,
tiveram uma filha, que se chamava educação.
Então, todos acharam que a vida ia melhorar,
que tudo se resolveria, afinal,
agora, eles tinham a educação.
Educação foi crescendo e nada parecia mudar.
Todos colocaram sobre ela uma grande responsabilidade.
A cobrança era constante e a Educação se afastava
cada vez mais de todos, se sentia frustrada,
pois todos queriam que ela transformasse o reino.
Tudo parecia piorar ainda mais.
Certo dia, uma fada apareceu para Educação e perguntou:
— Menina, porque está tão triste?
E ela respondeu:
— Todos esperam que eu resolva os problemas
do mundo e eu não sei o que fazer.
A fada, se aproximou, e enquanto fazia carinho

na menina, disse:
— Não é seu papel transformar
o mundo. Isto só quem pode fazer são as pessoas.
— A única coisa que vc pode fazer é conversar
com as pessoas, passar adiante seu conhecimento,
dar exemplo de honestidade e bom comportamento.
Abrir a mente delas para um mundo novo,
cheio de novas experiências e sabedoria.
A Educação se sentiu mais confiante e passou a
dialogar com todos.
Ensinava coisas sobre a “Terra, a água e o ar”,
música, literatura, física, matemática e ética.
Os anos foram passando e as pessoas
mudando, se transformando.
E o Reino começou a melhorar.
O caminho foi longo e árido, para se ter
os primeiros resultados, E então, a Educação
percebeu que ela não tinha o poder de transformar o mundo,
mas que se cada pessoa fosse transformada
pelo conhecimento, a transformação que tanto desejavam,
seria feita por eles mesmos.
Não existe salvador, o que existe são transformadores,
que unidos podem fazer a diferença.
A Educação nos transforma e aí
vamos poder transformar o mundo.

O menino esquecido pelo Papai Noel

ARISTOBULO SOUZA FONTENELE

Por ocasião do Natal, o médico Dr. Sebastião, saí a periferia em São Roque, distribuindo sorrisos e presentes para a alegria da criançada carente.

Depois de toda a algazarra quando restou apenas uma criança, que desde o início fitava o bom velhinho, se aproximou do Papai Noel e lhe perguntou:

Papai Noel como o senhor consegue distribuir tanta alegria pra esse mundo de gente?

Por um instante o bom velhinho ficou a contemplar àquela criança e depois de meditar, pegou-a no colo e começou a narrar:

Meu filho quando era de sua idade eu escutava falar em papai noel e toda noite de natal eu tinha uma expectativa que quando ao acordar um presente em baixo de minha rede este Senhor houvera de deixar. Entretanto, para minha desilusão, na terra batida de meu quarto nada de novo para avistar.

Como era rotina e começava a vida entender perguntei a mamãe se o seu Noel não me conhecia, pois lá em casa ele nunca se fez ver. Ela, com a doçura de mãe me disse, que o mundo era muito grande para o mesmo atender e que um dia ele ia me aparecer, para todos os meus pedidos atender.

No ano seguinte, mais uma vez esquecido na noite de natal, pulei da rede e a xingar papai noel, foi quando mamãe me abraçou e disse-me que papai noel tinha passado de madrugada e que seu presente

estava a esperar: uma vaga na escola para um homem eu me tornar.

Os anos foram passando e, cada dia que passava, mais eu estudava e mais eu gostava. Hoje graças ao papai noel entendi o que é a educação para a realização de cada ser humano e como podemos transformar o mundo a partir de então, por isto tenha tanta alegria, pois ganhei de presente de natal, um presente que nunca se acaba, por isto transmito a todos que na educação se encontra a solução para a realização dos nossos sonhos.

Amar e Mudar as Coisas

José Roberto Severiano Gomes

— Deeeeesentupidor pra fogão a gás!

Percorrer o Centro de Fortaleza se tornou uma aventura.

— Uma desventura, diriam outros.

Mas se engana quem pensa que ali não pulsa vida, história e arte. Pois tem.

Caminhando com Ágata, era fácil perceber as mazelas da grande metrópole. O trânsito lento no entorno de lojas e escritórios. A grande agitação de ambulantes (Que não andam?). E apressados transeuntes, que se esbarram entre si continuamente.

— Borraaaaacha pra panela de pressão!

A menina tinha uma atração particular pela praça José de Alencar.

— Vovô, minha professora falou que esse escritor era neto de Bárbara de Alencar, uma mulher muito valente.

— Sim, querida. Bárbara é considerada uma heroína da Confederação do Equador. Mulher guerreira.

O olhar de Ágata se fixou mais ainda no burburinho da praça.

— Deeeeesentupidor pra fogão a gás!

— É sempre assim, vô?

— Não, Ágata. Ao anoitecer, uma imensa sombra envolve a praça. Somente o centenário teatro testemunha a solidão e abandono da gente que faz do Centro o seu lar. São os humilhados do parque com os seus jornais, como diz a canção de Belchior.

— Belchior é aquele cantor que morreu? E cujas músicas o senhor

saboreia com um misto de alegria e saudade?

— É...

-Ele deve ter sido muito importante pro senhor. Depois quero que me fale mais dele.

— Borraaaaacha pra panela de pressão!

E seguimos pela Liberato Barroso com destino à Praça do Ferreira. A cada rua que passávamos a inquieta Ágata desferia uma saraivada de indagações.

— Quem foi Senador Pompeu? Minha bisavó nasceu numa cidade com esse nome. Quem nasce lá é o quê?

Não me dava tempo de respirar. E lá vinham mais perguntas.

— E esse tal de Barão do Rio Branco? Rio Branco? Estranho. A água desse rio não era incolor?

— Deeeeesentupidor pra fogão a gás!

A tarde caia quando, enfim, chegamos na praça considerada o coração da cidade. A imponência da Coluna da Hora logo chamou a atenção da menina. Ela sorria e corria atrás da revoada dos pombos, provocada por nossa aproximação. Ágata adora peixes e pássaros. Mas foi o cine-teatro São Luiz que a encantou.

— Vovô, que lindo. Quero vir aqui mais vezes.

O cine foi reaberto recentemente, com o mesmo glamour de outrora. A novidade é que agora também está sendo utilizado pra outras atividades culturais.

— Viremos sim, meu amor. Concordei.

Com o adiantado das horas, o sol declinara e as lojas baixavam suas portas. De repente, os bancos da praça, há pouco ocupados por aposentados e namorados, agora serviam de leito para uma legião de desvalidos: homens, mulheres e crianças.

Diante da cena, o semblante de Ágata se entristeceu.

— Por que eles não vão dormir em casa, vovô?

Como explicar a uma criança que alguém não tem casa? Como justificar tanta desigualdade na sociedade ?

— Por que uns têm tanto e outros nada têm? Insistiu ela.

— Minha neta, existem problemas que foram criados pelos homens. E somente a união e boa vontade de todos pode resolver.

— Mas,Vovô, por que o homem é tão inteligente, capaz de chegar ao Planeta Marte, inventar o smartphone e o algodão-doce, mas não

consegue enxergar a necessidade dessas pessoas?

— Porque não adianta o saber sem o querer fazer, minha pequena. Essa situação só vai mudar quando o ser humano trabalhar para o bem-estar de todos, e não pensar somente em si.

Nesse momento, os olhos de Ágata brilharam intensamente e sua voz assumiu um tom que eu ainda não tinha visto, de seriedade e esperança

— Vovô, quando crescer eu prometo que vou fazer diferente!

— Deeeesentupidor pra fogão a gás!

Voltei pra casa sentindo que algo de mágico tinha acontecido naquela tarde. Até parecia que Belchior caminhava ao nosso lado. Eu podia ouvir seus versos ecoando nitidos na minha mente: Pois vejo vir vindo no vento cheiro da nova estação...

Parte II

Poemas

TEMA:

UNIDOS SOMOS SEFAZ

2015

Com a CAT somos Mais Unidos

Anna Isabelle Gomes Pereira Santos

Chegado o final do ano
Os sinos de Belém fortalecem a nossa fé
Mais amor nos corações, mais calor nas emoções

A vida em harmonia!

Casa Fazendária transbordando de agitação
A gincana natalina envolvendo a todos num clima de cooperação
Tudo em prol de uma causa antiga: fazer o bem, sem olhar a quem

Somos nós, somos SEFAZ
Operando por uma causa comum
Melhorando um pouco
O bem-estar de alguns
Sem esquecer que somos todos UM

Muitos da CAT participam, e ganham mais do que doam
A Colaboração surge
Irradiando Alegria
Se transformando em um Trabalho que a todos contagia

Unidos Somos SEFAZ
Neste ano é o tema da gincana
Inspirados pelo momento
Do fortalecimento da categoria
Olhando para o futuro
Se com a CAT Somos Mais, Unidos Somos SEFAZ

Unidos somos Sefaz

FLÁVIO HENRIQUE MARQUES FERREIRA LIMA
SUSIE PONTES LIMA MARINO

Partilhamos grande parte da nossa vida
Com os nossos colegas e irmãos.
Formamos vínculos e dividimos pão
No dia a dia, a nossa amizade se refaz,
A atividade laboral se faz,
Na grande família que é a Sefaz.

Somos unos de coração
Trabalhamos com amor
Para o bem do cidadão
E o imposto arrecadamos
Com muita determinação,
Buscando sempre a excelência
E o aperfeiçoamento contínuo
Dos serviços que prestamos.

Solidariedade é o que não nos falta,
Fraternidade também não
Construímos com o labor cotidiano,
Irmanados na nossa missão indispensável
De captar e gerir recursos financeiros
Para o desenvolvimento sustentável
Do Estado que é uma extensão do nosso lar,
Sem tirar da nossa mente,
O carinho pelo próximo
E o cuidado com meio ambiente

Unidos somos Sefaz

Fabrízio Gomes Santos

Servir
Jeito de ser
Fazer acontecer
Não importa a dificuldade
Estou aqui por você

Com um sorriso
Um bom dia
Quem sabe com alegria
Eu possa te atender

Muitas pedras no caminho
Um exercício de carinho
O quão difícil é a minha tarefa
De recursos o Estado prover

Muitos desafios e premissas
Amizades e conquistas
Sou servidor
E com muita união
Sou SEFAZ
Com muito amor.

Natal de união na Sefaz

LUIZA ONDINA SANTOS MOTA

Neste Natal uniremos forças
de trabalho e dedicação
para fortalecer, na SEFAZ,
solidariedade e União!

Neste Natal, queremos todos
unir os laços, prender os elos
deixar fluir os argumentos
nos limites da emoção!

Uniremos Receita e Despesa
Tecnologia e RH
Áreas meio e fim
Para a Casa harmonizar!

Apagar a raiva, curar a dor
e encher de luz os corações!
Pregar a paz, semear o amor
e fazer o bem a cada irmão!

Unir servidores e terceirizados
Trânsito e Estabelecimento
Aposentados e ativos
Financeiro e Planejamento

Soltar as amarras, libertar as idéias
e abrir os olhos para o perdão!
Unir os mundos, romper fronteiras
e fazer o Natal da UNIÃO!!

Gincana Natalina

Dulce Ane Pitombeira de Lucena

Chegou a grande hora
Quem a gincana ganhou?
Haja coração, é agora,
A comissão já pontuou.

Quem vai ser o campeão?
Eu já nem sei dizer
Em meio a tanta emoção
Vi toda a SEFAZ crescer

Tributo sabemos arrecadar,
Mas esta gincana mostrou
Que muito mais a SEFAZ tem pra dar
Porque com o coração se doou.

Bondade, coragem e doação
São prêmios desta competição
Aprendemos uns com os outros a lição
Nossa união é a grande premiação

Parabéns a todos!

Parte III

Crônicas

TEMA:

SERVIDOR CIDADÃO

2013

O Discurso

YOLITA DE ARAÚJO E SÁ

Maria chegou quase correndo à pracinha de sua cidade no interior do Ceará para os festejos de Sant' Augustíni, o padroeiro da terra natal. No local, muitas pessoas se aglomeravam a fim de assistirem aos folguedos daquela semana. Todos ali, adultos, idosos, doentes e crianças disputavam entre si, o melhor lugar para assistirem à missa cedinho da tarde, cuja celebração, às dezesseis horas, seria coroada com uma procissão seguida de cânticos e mais tarde o espaço público daria lugar a festas, brincadeiras, bandas de música e discursos.

À noite, o parque com sua roda gigante, tiro ao alvo, pipoca e maçã do amor não podiam faltar. Aquela semana do ano era muito esperada por todos. Nada era tão importante para o povo de Querubim quanto o santo de devoção, que benzia a cidade e aos seus moradores. Ah! Bendito Santo Agostinho.

O último dia em que se comemorava o padroeiro da cidade era o melhor, mas aviso que era dedicado aos adultos letrados porque sempre vinham uns "homens de fora" para os festejos finais.

No palanque montado bem perto do circo, o prefeito sentava-se no canto esquerdo em um banco de madeira meio que improvisado, contanto que ficasse no palco para dar apoio aos convidados. À sua frente, um estudante de nível superior pedia o microfone. pois faria um discurso inesquecível naquele ano. Enquanto isso, sobre o tablado de tábuas irregulares, os organizadores da festa e as autoridades locais se entreolharam curiosos, até o padre que acabara de celebrar

a santa missa também estava desejoso de assistir ao discurso nada improvisado.

Ivaldo estava nervoso à frente da multidão. Tirou do bolso um papel para não esquecer nada de sua fala. Aquele universitário estava feliz por discorrer um assunto até então desconhecido nas rodas de muita conversa. No fundo, no fundo, queria inovar e surpreender, falar sobre algo que lhe incomodava há muito tempo.

Ao iniciar seu discurso as pessoas já ficaram atentas. Sua fala era comum, mas recheada de interrogações e de olhares e ouvidos ávidos e impressionados com a inteligência de Ivaldo, o Ivaldim, filho mais velho de D. Izabel e do Sr. Osvaldo.

— Meus conterrâneos, dizia empolgado. Desejo tratar de um assunto nunca antes abordado por esta sociedade Querubinhense. Quero falar de cidadania, é isso mesmo que vocês ouviram: ci-da-da--ni-a. Direi que todos nós temos o direito a um lugar no chão desta cidade. Este é o nosso lugar de pertencimento. E saibam vocês que a nós é atribuído um conjunto de direitos e obrigações, que temos a posse de direitos civis, políticos e sociais sob a vigência de nossa Constituição. Com isso somos cidadãos.

E continuou:

— Quero dizer ainda, que, embora esses direitos estejam garantidos pela Constituição de 1988, tendo em vista que nos dá a proteção vislumbrada pelo Estado, muitos de nós — cidadãos - morremos de fome, somos analfabetos e vivenciamos um alto índice de desemprego, de violência, além de outros dramas em nossa sociedade os quais somos capazes de testemunhar diariamente.

E disse ainda:

— Nós temos e não temos cidadania porque, por um lado, a Constituição nos garante direitos fundamentais à vida, mas por outro, somos tolhidos no uso e utilização desses mesmos direitos.

Na platéia, alguém gritou:

— Mas cidadania é só isso?

— Não, completou Ivaldim - Hoje estive na Prefeitura desta cidade e lá fui recebido por Jonas Silva, um servidor novinho, recém saído do último concurso, mas preparado para o cargo que está exercendo. Busquei algumas informações e fui muito bem atendido por ele.

Ivaldim reproduz para a platéia sua experiência, certo de estar dizendo algo muito importante para a comunidade. Disse-lhe que che-

gou à Sede da Prefeitura e, ao ser educadamente atendido, puxou uma conversa do tipo:

— Jonas, além das atividades que vocês exercem no âmbito do cargo recém empossado, existe alguma outra desenvolvida pela equipe de funcionários? — indagou.

— Existe sim, Sr. Ivaldo. Nós fazemos um trabalho social. Nós usamos as dependências desta Casa durante a noite e ministramos aulas, isto é; ensinamos a ler e a escrever pessoas de baixa renda, voluntariamente. Além disso, aos sábados, eu e mais quatro colegas ensinamos o catecismo às crianças de sete a onze anos, aqui mesmo, numa salinha de reuniões.

Pela conversa que teve com o funcionário público da prefeitura, Ivaldo se disse impressionado! Era muito desprendimento de Jonas e de seus colegas, porque eles se preocupavam com essas questões humanitárias, obrigações atribuídas pelo povo, aos governantes. E, dirigindo-se novamente ao seu interlocutor da platéia, disse-lhe com um brilho nos olhos:

Olha amigo, o Jonas é um exemplo de servidor cidadão. Ele presta um excelente serviço à prefeitura de sua cidade, além de ser bem atencioso para com as pessoas. Jonas e alguns colegas realizam trabalhos sociais sem perspectivas de retorno. Fazem isso porque entendem ser uma forma de melhorar a vida das pessoas.

— Mas, a prefeitura não ajuda em nada?- Perguntou seu interlocutor.

— Não espere por prefeitos ou vereadores. Pra gente ser solidário não devemos esperar por governos. Cada um tem a sua obrigação e a sua consciência de fazer algo mais pelas pessoas, disparou.

Provocado pela platéia sobre corrupção, disse de um fôlego só:

— O agente público deve estar cônscio de suas funções, deve saber que tem a obrigação de zelar pelas instituições do estado ou do município, que deve atender com competência o cidadão, indistintamente, e deve combater a corrupção no seu local de trabalho, porque a prefeitura é um bem público, ela é de todos nós. Quando isso não ocorre não haverá benefícios para a população e aí todo mundo perde. Fiquem certos de que os pobres ficam cada vez mais miseráveis e não haverá progresso em Querubim.

Outro interlocutor da platéia bradou com tom desafiador:

— Conheço servidores da prefeitura que nos tratam com in-

diferença, até parece que nos fazem um favor?!

— Esse não é um bom servidor. Como o nome já diz, todo funcionário público tem a obrigação de servir ao cidadão porque ele é um agente público, ele está ali para atender, portanto precisa ser uma pessoa educada, competente e ciente de sua vocação para servir ao próximo sempre que este o procura.

A idéia de Ivaldo era a de sensibilizar aquela pequena comunidade para a questão da cidadania. O universitário desejava passar novos conceitos e o melhor exemplo foi o que acabara de relatar - Jonas Silva o atendeu com respeito, deu-lhe as informações necessárias e, ainda por cima, faz trabalhos sociais de forma voluntária!

Com o exemplo do servidor da Prefeitura de Querubim, concluiu seu discurso.

— Senhores, quero dizer que cidadania não se restringe ao conjunto de direitos e obrigações que constam na Carta Magna do Estado Brasileiro. Nós temos cidadania plena quando somos dotados de humanidade, de solidariedade, quando entendemos nossos direitos e obrigações, quando partilhamos um nível de vida com dignidade, quando somos proativos, quando nos colocamos no lugar do outro.

Lá no canto do palanque em um banquinho improvisado, o prefeito o assistiu impassível: tinha certeza de que perderia as próximas eleições para o jovem
universitário. No mesmo palanque, opositores não se cansavam de aplaudir o filho de D. Izabel e nem o padre conseguia fechar a boca, estava “de queixo caído”, surpreso com o que ouvira.

Na multidão, um grupo falante rufava os tambores enquanto entoavam versos de rima:

— Querubim, quero sim, votar no Ivaldim,

— Querubim, quero sim, votar no Ivaldim.

Ivaldo olhou mais uma vez a platéia que o aplaudia estusiasmada, enquanto agradecia ao Sant´Agustim pela oportunidade de dividir uma angústia presa a sua garganta.

Daquele dia em diante, Querubim não seria mais a mesma. Ninguém ali jamais esqueceria o exemplo do servidor cidadão nas palavras nada improvisadas de Ivaldim, o jovem universitário que fez um emocionante discurso e se lançava, sem querer, a candidato a prefeito da cidade.

Tem que selar - Tem que reciclar

RITA MARIA FRANCO NOGUEIRA

Sete e trinta da manhã, Júnior atravessa a porta do escritório de contabilidade em que trabalha como auxiliar do setor fiscal e auxiliar de tudo o mais de que a patroa precisar. Dona Concita, a chefe do setor fiscal, já o aguarda com o velho envelope marrom cheio de notas fiscais que devem ser levadas à Cefit-Secretaria da Fazenda, para serem seladas.

— Bom dia, Francisco Júnior, hoje você tem o que fazer...

— Por que a senhora não me chama só de Júnior, hein?

— Porque, que eu saiba, seu nome é Francisco Júnior Pereira, mesmo que o nome do seu pai seja Waldemir.

A frase veio acompanhada da gargalhada dos colegas, que adoravam implicar com o nome dele. Ô povo besta pra gostar de frescar com a cara dos outros. Tudo culpa da mãe, que adorava esse nome, Júnior.

O rapaz apanha o envelope e ao perceber que está recheado, não se contém:

— Ah, não! Esse horror de nota! Que hora que eu vou sair daquela Cefit, hein ?!

— Não posso fazer nada; tem nota pra selar, tem que levar. Taí a chave da moto.

O pobre Júnior já sai imaginando como vai fazer para conseguir selar todas aquelas notas e sair da Sefaz a tempo de se encontrar com sua nova paquera na porta da escola. O diabo é que na Cefit só deixam

selar dez notas por senha, e com bem trinta notas dentro do envelope é bem fácil ter que ficar lá até depois de meio-dia. Se pelo menos a Cefit não estivesse tão lotada hoje,...que dia é hoje mesmo? dia 18 ! Ai, meu Deus, é perto do dia 20, tô ferrado.

Sala de espera da Cefit, quase oito e trinta, Júnior apanha a senha 58. Ave Maria, ainda tá na senha 17, que hora que eu vou sair daqui? Já sei! Vou pegar logo mais duas senhas.

— Ei, rapaz! Só pode pegar outra senha depois que terminar o atendimento com a primeira senha que você pegou, avisa o funcionário.

O plano não deu certo. Agora é ficar olhando a TV e quase virar picolé naquele ar condicionado gelado da Cefit. Parece que o chamador de senha tá quebrado, por que não chama ninguém!

Quase onze horas, e Júnior começa a se preocupar. Quem será que vai chamar minha senha...? Tomara que seja uma fiscal boazinha, que quebre meu galho e bote as notas pra selar tudo de uma vez. Quase meio-dia. O toque da senha...senha 58...até que enfim!

— Bom dia, cumprimenta a fiscal.

— Bom dia. É tudo pra selar, mas tem mais de dez notas. A senhora vê aí o que pode fazer pra me ajudar, porque eu tô aqui desde oito e meia... A fiscal pega as notas, e, depois de analisar, avisa:

— Menino, na verdade, aqui só tem quinze notas. É porque mandaram duas vias de cada nota. Eu já avisei não sei quantas vezes que essas notas eletrônicas não precisam de cópias; basta trazer só uma via. Esse povo do teu escritório gasta papel sem necessidade. Além do prejuízo financeiro, ainda prejudica a natureza. Sabe quantas árvores são derrubadas por causa disso?

— Eu sei, sim senhora. Eu já avisei aquelas abestadas lá do escritório pra elas
acabarem com essa estruição de papel, mas parece que não adianta nada.

— Pois eu não vou devolver essa cópias, não. Vou colocar tudinho na nossa caixa de papel para reciclar. Nós aqui da Cefit não jogamos papel no lixo. Temos uma caixa onde juntamos todo esse papel e depois levamos para uma empresa de reciclagem que fica com o produto e fornece uma espécie de recibo. Esse recibo é entregue a instituições filantrópicas que recebem o valor do recibo em dinheiro dessa empresa de reciclagem.

— Puxa vida, que boa ideia! Além de ajudar a natureza, ajuda também os necessitados! Mas, mudando de assunto, dá pra selar minhas notas sem eu ter que pegar outra senha? É que eu tô muito atrasado pra levar minha mãe no médico.

— Tá bom, vão as quinze notas de uma vez.

— Brigado, tia; valeu, mesmo!

Júnior olha para o relógio. Se a selagem das notas não demorar muito vai dar para chegar ao colégio da Bárbara Micheline perto de uma hora e conversar um pouco antes de ela entrar. Ainda bem que o escritório dá a moto pra fazer os serviços externos; mas Júnior lembra que a dona Concita não pode nem sonhar que ele está usando a moto para encontrar as paqueras. Mas tudo bem, se ela reclamar da demora, é só botar a culpa na Cefit.

A reconciliação no casamento entre servidor e cidadão

Najla Clécia Mota Cavalcante Scaccabarozzi

O mito da crise dos sete anos de casados, no caso deste casal, chegou ao seu auge um pouco mais tarde, aos mil novecentos e poucos anos. Nunca este casamento foi tão falado e teve quase o seu fim decretado.

De um lado, o servidor, que durante muito tempo nada tinha de cidadão, que entrava no serviço público sem critérios transparentes e nele permanecia apenas para tirar proveito próprio, apenas para se beneficiar das regalias oferecidas pelo cidadão (porque todas as regalias são patrocinadas pelo cidadão) e não tinha a mínima intenção de cuidar e zelar pelo cidadão, seu parceiro.

De outro lado, o cidadão, parceiro sempre presente, sempre cumprindo seu papel de provedor financeiro e, como todo bom parceiro, esperando receber ao menos algum afeto, uma simples gentileza, afinal, toda relação é feita de 'parcerias', algo, como, você me dá amor, que eu te dou carinho, e vice-versa.

Mas no caso desse casal, não! Não existia isso! O cidadão sempre se doando e o servidor sempre se poupando!

Até que a balança despencou! O cidadão, cansado de tanto desprezo, resolveu romper o casamento, resolveu colocar a 'boca no trombone' e anunciar sua grande insatisfação com seu parceiro servidor, anunciar o quanto era esquecido nesta relação, o quanto era passado pra trás e o quanto se sentia traído.

E, para a surpresa do seu parceiro servidor, o escândalo assu-

miu tal proporção que tomou as primeiras páginas dos jornais, motivo do qual vivenciamos as notícias sobre corrupção de servidores na imprensa. Isso tudo foi ocasionado pela indignação do seu parceiro cidadão, que decidiu lutar pelo seu espaço na relação!

Mas o servidor parece que aprendeu a lição. Tomou consciência do dano que causava ao seu parceiro e, vagarosamente, depois desse rompimento de seu companheiro cidadão, tem tentado reconquistá-lo. Agora sim, a reconquista vem com mimos, com demonstração de afeto, de cuidado, de carinho, tudo na tentativa de uma reconciliação.

E o seu parceiro cidadão vem aceitando, aceitando na condição de que o casamento se mantenha neste moldes.

Nessa reaproximação, tal qual foi a surpresa do cidadão...uma gravidez inesperada! Quem sabe esta criança envolva o ambiente com luz e paz e contribua para que o melhor de cada um permaneça no novo lar.

Ah! E esse bebê já tem nome... SERVIDOR CIDADÃO... um novo serzinho que está nascendo com o melhor que há no companheiro servidor e com o melhor que há no companheiro cidadão, para promover a reconciliação dessa bela família!!! Essa nova geração promete!

Servidor Cidadão

Salete Freitas de Sousa Lima

— Acorda.

— Você sabe que eu não perco a hora nunca, mulher!

Assim começa sempre o seu dia e todo dia ele tinha uma tarefa muito difícil. Funcionário público há vinte anos, sem nunca chegar atrasado, nem se eximir de suas funções. Saía de casa sempre uma hora antes e chegava ao trabalho sempre adiantado, mas isto para ele não era nenhum sacrifício. Não tinha intenção de se destacar em nada, apenas cumprir da melhor maneira possível as suas tarefas. Alguém poderia achar que aquele trabalho de carimbar e assinar documentos poderia ser banal, mas para ele, era sua vida. Afinal são anos carimbando bem carimbadinho. De nada ele se orgulhava mais do que fazer o seu trabalho e terminar o dia, ao fechar seu armário, ter a sensação de missão cumprida. Também nunca recebeu elogios, ele só estava fazendo sua obrigação. E ao voltar pra casa contava satisfeito como tinha trabalhado duro. Os seus dias eram sempre assim, um atrás do outro, como deve ser.

Ele amava sua cidade, e a amava com devoção, a cidade que o viu nascer e crescer dizia sempre.

Não há no mundo lugar melhor do que este.

E como todo bom "bairrista" não admitia nenhum comentário negativo à sua cidade. Nem que tinha clima quente ou frio. Ele até conheceu o Rio de Janeiro.

E comentou com os amigos:

O Rio é bonzinho, mas como a minha cidade não existe, a gente vai uma vez só para comparar e ver que aqui é bem melhor. Visitou Paris e Nova York, só pra satisfazer à mulher, como ele disse. Ele preferia mesmo era "curtir" a sua cidade

Ele é um "cara" como muitos outros que existem por aí. Preferia estar no seu canto quieto.

Orgulhava-se de sua vida e de seu caráter, era honesto e trabalhador.

Porém, como ninguém é perfeito, este cidadão anônimo, correto, cumpridor dos seus deveres, tinha um grande defeito, não podia ver um livro. Não, ele não os roubava, isto não fazia parte do seu caráter, ele tinha a mania de pedir e pedia na maior cara de pau. Onde quer que fosse, e a quem fosse. Se encontrasse largado, sem uso ou mal utilizado, sempre procurava saber quem era o dono e pedia, "você deixou largado aí, posso ficar pra mim?". Fosse grande ou pequeno, fino ou grosso e chegava ao cúmulo de pedir a alguém que estava lendo que cedesse pra ele ao terminar a leitura, "afinal você não vai ler de novo, não é", dizia desconfiado. Tinham livros velhos e mofados que ele tentava recuperar e outros em bom estado que ainda serviriam por muito tempo. Os colegas achavam feia esta sua mania de "pidão", "pidão de livros", mas acabavam cedendo aos pedidos insistentes. Este era o diferencial do seu cotidiano, a sua imensa felicidade ao conseguir um livro.

Mas você pode estar perguntando, como isto começou e pra que tantos livros, onde os guardava, se ele lia a todos ou tinha mania de acumular. Pois lhes digo, isto teve um começo.

Quando seus filhos eram pequenos, como bom pai que era, sim ele é um ótimo pai, cuidou de seu filhos com muito amor e carinho e tentou lhes dar uma boa formação, a melhor que pode, incluindo escola e a do lar, aquela que se diz "do berço".

Pois bem, como bom pai que era, sempre lia para seus filhos, para eles adquirirem o hábito da leitura. E de fato, eles adquiriram e continuaram lendo bastante quando cresceram.

O pai que adorava ler para os filhos sentiu um enorme vazio com o passar dos tempos e o crescimento de seus meninos. Apesar de considerar sua missão cumprida, ele sentia que precisava continuar lendo para as crianças e incutindo o hábito da leitura nelas, pois acredita que a leitura transforma vidas.

O que ele poderia fazer para diminuir este vazio? Era uma incógnita, ele não tinha tempo sobrando, tinha que trabalhar todo dia, acordar cedo, e cumprir suas tarefas.

Não sobrava tempo pra mais nada.

Certo dia, assistindo televisão ouviu anúncio com pedidos de voluntários para uma associação que cuida de crianças carentes e falou:

— É seria muito bom ajudar, mas não tenho tempo, talvez quando me aposentar.

Porém, ele tinha um coração solidário que não se aquietou e o levou a refletir: como pode a sua cidade tão amada, tão bonita ter tantas crianças carentes e que não têm pai pra ler para elas antes de dormir? Quão melhor elas poderiam ser se tivessem o encontro com a leitura? É, mais eu não posso fazer nada tenho minhas obrigações de servidor que me consomem todo o dia. Além do mais, isto não é minha responsabilidade, já criei meus filhos e muito bem.

E as leituras? Para quem as poderia fazer? Isto o inquietava. Não bastavam suas leituras diárias ele havia adquirido o hábito de ler para alguém.

Numa manhã de domingo, mexendo em suas estantes, viu que ainda tinha muitos dos livros que havia lido para seus filhos, estórias infantis maravilhosas e lembrou-se do encantamento de seus filhos quando as ouviam, as indagações que faziam: E o rei morreu? E a princesa casou com o príncipe? E João encontrou com Deus quando subiu no pé de feijão? Então ele resolveu tomar uma atitude de herói, doaria todos aqueles livros para a tal entidade do anuncio da tv, eles ficariam melhor nas mãos das crianças do que mofando na sua estante. Neste mesmo dia levou todos os livros que pode para a doação e quando os apresentou na portaria sentiu a alegria da funcionária que os recebia, provavelmente era uma voluntária. Quando ainda estava no balcão fazendo a entrega viu algumas crianças se aproximarem, um dos pequeninos lhe indagou?

— O que é isto?

— São livros, para vocês lerem.

E outro maiorzinho retrucou:

Nós não sabemos ler, você pode ler uma estorinha pra gente?

A emoção lhe saltou aos olhos, ele buscou um cantinho e sentado ao chão, rodeado de olhinhos curiosos começou a ler e responder

a todas as indagações curiosas e eufóricas. Depois de ler duas ou três estórias ele se despediu prometendo que voltaria no próximo domingo, e voltou. Ele nunca se sentiu tão útil e tão bem com a sua vida.

A história foi tomando proporções maiores, pois as crianças queriam sempre mais livros e novas estórias, ele até comprou alguns novos e também passou a dedicar um pedacinho da sua noite. Todos os dias no final do trabalho, ele se dirigia àquela entidade e exercitava a sua cidadania oferecendo um pouco do que tinha àquelas crianças carentes.

Daí, como vocês devem estar imaginando, ele passou a pedir livros, sem nem dizer que eram para doação, muito menos que eram para satisfazer o seu prazer de ler e ser útil à sua cidade.

Quanto mais lia mais pedia e mais se sentia feliz.

Servidor Cidadão... uma história numa terra mais perto do que se imagina

Maria Iara Henrique Palácio

"Nasceu... e é um menino", gritou a velha parteira. Na sala de uma pequena casa no sertão do Ceará alguns familiares torciam para que a criança nascesse branca e o avô imediatamente perguntou se o menino era preto ou branco. A velha parteira sorriu e disse que o menino era preto como um "tição", mas que era forte e parecia saudável, que não parecia um bebê recém-nascido, e tinha uma coisa estranha... o menino era preto com cara de branco.

Um menino preto com cara de branco, tinha o que ver... começa a história de "Raimundo", " mundinho", "doquinha", "negrinho", "pastinha"...0 menino era esperto, não ficava quieto e a mãe vivia correndo atrás de mundinho, e dizia que aquele pestinha nunca tinha aprendido a andar, nos primeiros passos começou a correr,..tinha um exagero da Dona Angélica naquela frase...bem no íntimo eia gostava de ver o filho correndo, jogando bola, e tinha algo de muito estranho ... Raimundo era "doce", tinha um sorriso largo, e nas piores travessuras, dava um jeitinho de não levar uma bronca... "era um menino esperto"... um sorriso, um abraço, um pedido de desculpa e a mãe já esquecia o que ia dizer e repetia muitas vezes que tivesse cuidado para não quebrar as pernas ..."um preto com cara de branco"..."não tinha perna de pau", podia ser jogador de futebol, era um bom destino para um menino preto e pobre do sertão....mas doquinha não queria ser jogador de futebol...queria ser super-herói, imaginava um mundo diferente...

A dona Angélica costumava contar histórias para "mundinho"

praticamente todas as noites e nessas histórias, com seu jeito muito simples, ela sempre dizia a "moral" da história, e repetia para o filho que seguramente em cada história se aprende uma nova lição...que um dia o menino ia entrar numa escola que ela não tinha entrado e que outras histórias mostrariam para ele um mundo diferente...e mundinho acreditou em cada palavra da mãe... e começou a imaginar um mundo melhor... o tempo foi passando... o menino já quase um homem, um preto com cara de branco,esperto, com sorriso largo e num lombo de um jumento com o sonho de ser super herói... tinha o que ver... já chegava no povoado mais próximo... para quem não tinha pernas de pau, encontrar um universo maior, dava para sonhar em ser um super-herói... dificuldades seriam ultrapassadas, distâncias diminuídas, e as portas de uma escoia... é... em cada história sempre se aprende... "Raimundo sabia disso", também aprendeu a contar histórias...

Entre a fantasia e o mundo real... Raimundo sentiu na pele a descriminação pela cor, pela condição social , vinha do sertão nordestino, era pobre... "ser preto com cara de branco, com sorriso aberto e ter o sonho de ser super-herói "não mudava o contexto social....o tempo passou... é... Raimundo queria mudar o mundo... a mãe já havia morrido, ele tinha passado numa seleção para o serviço público, no "teste" não importava a condição social, a cor da pele, ou o sorriso aberto... era o que cada história tinha ensinando e corno ele podia por em prática todas as lições... ditas por Dona Angélica, pelas circunstâncias, pelos poucos anos na escola, mas sobretudo por não deixar que as dificuldades o impedissem de se seguir.

Pois é... "Serviço Público", o estado precisa atender as demandas sociais... e Raimundo podia servir a sociedade... falar de cidadania, de direitos, de deveres, a grande oportunidade de ser "super-herói"... o sonho de criança do menino preto com cara de branco....

"Raimundo foi um Servidor Público Exemplar", um menino do sertão nordestino, pobre, sonhador, honesto, com valores nobres, com empatia social, um colega de trabalho exemplar, recebe as homenagens póstumas de sua corporação e o título de "Servidor Cidadão", pelo atendimento a sociedade, pelo servir social, pela postura ética e tantas outra interferências... a família, a esposa, os filhos e netos são convidados para a solenidade.

Um neto começa o discurso de agradecimento dizendo que gos-

taria de ser um preto com cara de branco, mas se sente feliz em ser um branco com cara de preto e o mais importante por ter aprendido todas as lições com a história que considera para sua vida a mais importante “a história de um menino preto com cara de branco, que não tinha perna de pau e que tinha um sonho de ser super-herói... a história de todas contadas pela sua mãe, aquela que trouxe para ele as lições mais importantes para construir a sua história e poder interferir com o seu modelo e o seu exemplo para um mundo melhor...

A história de Raimundo não teve fim... continua no imaginário das pessoas... um menino preto com cara de branco, pobre do sertão, esperto, que podia ser jogador de futebol mas queria ser super-herói... se tornou “servidor cidadão”... O impulso para vida... o sonho infantil... as lições de cada história.

TEMA:

OLHAR PARA O FUTURO

2016

O futuro é tão somente isso

Marcos Antônio Silva Saraiva

Senha nº 7. O berro da atendente não chegou a assustar ninguém, mas foi suficiente para cortar aquele silêncio que já durava algum tempo. E este silêncio era tão profundo que parecia que o ar havia congelado pois nada se ouvia, nem a respiração de ninguém, nem um tímido pigarro, nem o passar das páginas de um livro. Estranho, eu e mais seis pessoas na sala de espera, além da atendente, e nenhum som. A iluminação era fraca e despejava-se irregularmente em alguns pontos da sala dando-lhes um certo ar solene.

Enquanto aguardava, passei a olhar curiosamente para as outras seis pessoas, que, como eu, aguardavam. Seus rostos nada diziam: nem de onde vinham, nem o que faziam, nem o que queriam. Apenas demonstravam um pouco de tédio pela espera. O que é comum e esperado. Acho que eu mesmo, também, não demonstrava nada. Isso pelo fato de eu não saber o que eu estava fazendo ali, nem como ali eu tinha chegado. Procurei neles as minhas respostas em vão. Nenhuma dica.

O papel amarelado e amaciado pelo tempo que estava nas minhas mãos continha o número sete. Logo, dirigi-me à mesa da atendente. Temi perguntá-la acerca das minhas dúvidas, acerca do que eu fazia ali ou de como havia chegado. Preferi aguardar as instruções que, supostamente, ela me daria. Tive medo de que as respostas quebrassem a paz e serenidade que eu estava sentindo. Não estava pronto para que alguma dentre as muitas hipóteses que eu havia levantado correspondesse à realidade que eu estava vivendo. O problema é que

eu não conseguia lembrar quem eu era, nem que língua eu falava. Eu conseguia pensar, havia tentado somar e tinha conseguido, lembrava até de livros que eu tinha lido. Mas tudo que me restava era minha capacidade de pensar. Nada acerca da minha identidade permanecia na minha mente. Logo comecei a enumerar hipóteses: sou louco e estou num hospício numa crise profunda; sou um espião, fui drogado com uma substância alucinógena e estou preso pelo inimigo; morri e estou na fila de espera do além. Daí a razão do meu temor.

Ela pegou o papel com a senha, olhou nos meus olhos tão profundamente que pareceu ler a minha alma, e concentrou-se no velho livro preto de anotações que estava aberto sob a antiga luminária de mesa. Escreveu, escreveu e escreveu. Sem nada me perguntar. Será que ela escreve a meu respeito? Mas o poderia ser, já que ela nada me perguntou, nem eu nada falei. Quando eu estava a ponto de interromper e disparar um monte de perguntas que me vinham aleatoriamente à cabeça, ela olhou para uma porta à sua direita, apontou com o queixo e com o lábio inferior e me mandou entrar ali.

Respirei profundamente e suspirei, finalmente ousando quebrar o silêncio. Levantei-me sem me despedir nem agradecer e dirigi-me à porta. Toquei a maçaneta, girei-a, e ao abrir a porta, surpreendi-me com uma densa bruma que não me permitia enxergar nada. Ora, a porta que ele me mandou abrir não me conduziria a uma outra sala como esperado, mas para um ambiente ao ar livre. Curioso que o que ela disse foi que eu entrasse ali e não que eu saísse por ali. Acho que a hipótese de alguém ter me aplicado algo alucinógeno está se revelando a mais provável.

Com cuidado coloquei a ponta do pé para o lado de fora da porta tentando sentir o chão firme. Tive medo que aquilo fosse uma porta que desse para um abismo. Sabe-se lá o que aquela velha recalcada é capaz de fazer. Sim, só pode ser recalcada uma pessoa que há tanto tempo tem um emprego desses. Eu observei, enquanto ela passava as páginas, que a caligrafia de tudo que estava escrito no imenso livro preto era dela, ou seja, ela está lá há séculos. Essa era a vida dela: falar sempre os mesmo números de senha, escrever no mesmo livro preto e apontar para a mesma porta. Tenho certeza que ela nunca pensou no futuro. Futuro? Isso me lembra de alguma coisa!

Meu pensamento foi interrompido quando toquei o chão. Aquilo me fez pensar em agir e parar de pensar em outras coisas. Dei dois

passos para a frente com a coragem de quem prefere encontrar logo a verdade, seja ela qual for, a viver na angústia da dúvida. A porta bateu logo atrás de mim. Curiosamente a névoa foi se dissipando como que por encanto e revelando uma paisagem tão bela, tão harmoniosa e de cores tão uniformes que me encheram de paz e me aliviaram de alguns dos meus maus pensamentos. Se eu morri e isto aqui é o inferno, está bom demais. Imagine se fosse o céu. Sim, pensei logo no inferno porque a gente que tem juízo nunca acredita que seria salvo sem dar uma passadinha pelo purgatório.

O terreno era arenoso e macio o que tornava confortável a caminhada. Não ousava olhar para trás. A paisagem desenhada já convidava os olhos a seguir na direção de um lago de águas calmas, que parecia ser imenso, já que havia uma montanha muito longe ao fundo. Tudo era azul, prata e cinza. O solo arenoso meio úmido ficava prateado ao longe, a montanha distante parecia cinza, e o céu possuía inúmeros tons de azul muito escuro e cinza em virtude de estar tomado de nuvens, algumas mais leves, outras mais pesadas. Sabia que era dia, mas não conseguia identificar a que altura do horizonte estava o sol. A densidade das nuvens não permitia. A água cintilava entre o azul e o prateado. Nenhum reflexo dourado sobre a água.

Aproximei-me da borda do lago e segui caminhando tortuosamente fugindo um pouco das ondinhas que quebravam e invadiam a areia timidamente. Quando andei mais um pouco descobri que ou o lago era imenso, ou se tratava do próprio mar, porque para trás, a borda do que eu achava ser o lago se estendia a perder de vista. Aliás, nem sinal da porta que eu acabara de atravessar. Pude ver, também, que a imensidão azul prateada ultrapassava o lado da montanha e ia se encontrar com o céu lá no infinito. Sim, era o mar!

Estava encantado pela paisagem e já começava a voltar a me perguntar o que eu fazia ali quando fui abruptamente interrompido por uma voz que veio por trás e deu-me as boas vindas. O sujeito apresentou-se como pescador e convidou-me para ir até sua cabana mais à frente. Os cabelos inteiramente brancos destoavam um pouco da fisionomia que tinha aspecto jovial apesar das muitas rugas. Era daquele tipo de gente que não se precisa fazer muito esforço para saber como era seu rosto quando era jovem. Parece que o tempo havia se concentrado em lhe imprimir rugas na face e só. Segui-o.

Caminhamos até a cabana. Lá chegando, a luz do dia começou a

enfraquecer, e as nuvens foram desaparecendo e o céu foi limpando. Surgiu uma noite fantática!

Muitas estrelas, muita luz. O mar calmo lembrava um grande espelho, completamente semeado de estrelas. Meu anfitrião interrompeu meu momento de contemplação e perguntou se eu estava preparado mesmo. Perguntei-lhe para que. E ele me disse que eu estava ali para conhecer o futuro, olhar para o futuro. Eu me animei e disse que sim. Agora acho que isso deve ser um sonho maluco. Mas, vamos em frente.

Ele deu as costas, entrou no mar e subiu no pequeno bote que estava em frente à cabana. Remou um pouco, ficou de pé e lançou a rede ao mar. Lançou, sentou, esperou e enfim, puxou a rede de volta. Estava vazia. Dava para observar pela leveza e pelo fato de ele não tentar desprender nada. Fez isso uma, duas, várias vezes a noite toda. Era bonito de se ver quando a rede tocava a superfície do mar que refletia as estrelas. Isto fazia a água se movimentar diluindo a imagem das estrelas e depois, aos poucos, dava para voltar a ver o céu perfeitamente refletido na água.

Não demonstrava cansaço, enfado ou aborrecimento quando voltou já pela manhã. O céu voltou a ficar nublado como antes e a luz do sol iluminou o dia sutilmente. Perguntei-lhe acerca do futuro. Quando ele me falaria a respeito do futuro. Quando eu ia poder olhar para o futuro. Ele demonstrou surpresa e frustração. Falou-me que eu havia passado a noite olhando para o futuro e não havia percebido nada. Perguntei-lhe se no futuro eu ia tornar-me um pescador e ser condenado a pescar num mar sem peixes. Ele sorriu e disse que todos sempre faziam perguntas semelhantes quando se tratava de decifrar o que viram. Ele também me disse que não estava no mar para pescar peixes, e sim, estrelas.

Pedi que ele fosse mais claro. Tudo estava definitivamente confuso. Ele sorriu e me esclareceu primeiramente que olhar para o futuro não é conhecer todos os fatos vindouros de uma vida. Muitos anseiam por isso sem saber do seu dissabor. Isto seria verdadeiramente uma condenação. Ninguém suportaria seguir a vida cumprindo etapas de um roteiro conhecido integralmente. A vida seria uma grande prisão. Tudo perderia o encanto e o sabor. Explicou ainda que, de tanto eu pedir, Deus me autorizou, como àquelas outras pessoas, a conhecer o futuro. Por isso, eu estava ali. Falou ainda que esta experiência ficaria em minha mente como um sonho bom. Um sonho azul.

Em seguida, afirmou que, na verdade, o futuro é tão-somente isso: perseverar em um objetivo com serenidade, ser fiel às suas convicções com coragem e ter fé na beleza de tudo que lhe possa parecer impossível, enchendo a vida de poesia como a vida do pescador de estrelas.

Um Olhar para o Futuro

FERNANDO MAYMONE DE MELO CARVALHO

"São um bando de marginais. Falta mesmo é uma boa surra!".

Esbravejava Armando. Ele levava uma cicatriz mínima na perna que o acompanhava desde os 10 anos de idade, herança de uma queda da árvore. Os pais, na ocasião, avisaram várias e várias vezes pro menino não subir naquela goiabeira.

"Esses galhos dobram e não quebram, são traiçoeiros. Vergam muito. Não faça isso".

Mas ele fez. Na primeira vez, antes mesmo de chegar ao topo, foi posto de castigo. De nada adiantou. Fugiu num vacilo dos pais, pulou o portão e encarou o desafio. Ou quase.

Em uma passagem muito difícil, para quem tem 10 anos, ao tentar ir de um galho para o outro, o mesmo envergou, fazendo Armando escorregar e cair 5 metros passando por cada fissura da árvore. Conseguiu um grande arranhão na perna esquerda, que ficaria por toda a vida.

O teimoso foi levado ao hospital. Três pontos. Os pais beijaram a ferida e assopraram quando o mertiolate ardia. Uma semana depois, ao se encontrarem com amigos, falaram orgulhoso: "Esse meu garoto é muito corajoso. Mesmo com todas as proibições, fugiu e tentou subir a árvore mais alta do bairro. Caiu lá de cima e quase não chorou".

"Se fosse meu filho, estava no colégio. Falta é disciplina. Respeito às autoridades. Não essa vadiagem!".

Argumentava o cidadão. Sua esposa o olhava fascinada, apoian-

do com olhos e feições de orgulho. Ela o conheceu, 18 anos antes, em um lugar super improvável. Estudavam no mesmo colégio, mas em anos diferentes, então nunca tinham se visto.

O primeiro encontro se deu na sala de detenção do colégio — castigo para os que cometiam delitos e eram obrigados a passar uma tarde, sentados numa cadeira, olhando as paredes.

"O que você fez?", perguntou o garoto, alguns anos mais velho, para a menininha de cabelo encaracolado, linda como uma boneca.

"Eu e uns amigos estávamos cabulando aula. A mãe de uma colega nos viu e ligou para a diretoria. Ainda apreenderam os nossos lanches", disse chateada.

"Putz. Que saco esses dedos-duros!"

"Pois é! Os pais da Luciana são muito quadrados. Não sei como ela aguenta. E você, o que fez?"

"Eu tava colando numa prova. Conheci um neguinho que trabalhava na xerox do colégio, mas tu sabe que esse pessoal é tudo desonesto, né? Aceita qualquer coisa pra ganhar vantagem. É criação ruim. Tenho certeza!"

"É verdade!", concordou a menina.

"Aí eu tive essa ideia: ofereci dois lanches pra ele me passar as provas quando elas iam pra impressão.

Com elas em mãos, eu vendia pros meus colegas. Aceitava gibis, sorvetes, fitas de videogame como pagamento. Dependia do dia e de quão ruins eles tivessem nas matérias. Matemática sempre gera muita coisa legal. Ainda mais com esse professor novo".

"Que ideia boa! Ainda ajuda quem precisa. E te deduraram?"

"Foi. O pai do neguinho da xerox descobriu e foram avisar a meus pais. Eles ficaram superchateados. Pra eu não reprovar o ano, ofereceram até dinheiro pro senhor não contar nada no colégio, mas não teve jeito".

"Esses marginais não pensam nos outros? Estão aí atrapalhando a vida de todo mundo. Egoístas! Se fosse meu filho..."

BIIII BIIIIII! A buzina ecoa nas ruas. Armando toma um susto. Estava trancando um cruzamento. Abre o vidro, esbraveja "Passa por cima!!!!".

Todo ano o Natal era na casa de Armando. Uma tradição de décadas. Ele estava atrasado e parou na padaria da cidade, lotada na-

quela hora. Afinal, era dia 24, 17 horas. Tinha que comprar os quitutes finais para a ceia.

Sem vagas, e com 36 anos de idade, estaciona na vaga de idosos mesmo, justificando mentalmente: “Vai ser só uns minutinhos!”, “Eu mereço, tive um dia daqueles”.

Em casa, tudo impecável: Família grande reunida, desejos de felicidade, boas festas e boa comida à mesa. “Vamos lá, pessoal, hora de trocar os presentes!”

Todos se abraçam. Tinha até amigo-secreto. Uma noite perfeita. Chegou a hora de Armando receber o presente do seu filho. Armandinho, com apenas 13 anos, emociona a casa ao dizer que fez um vídeo em homenagem a seu pai.

Seu Armando quase chega a inchar de orgulho. “Esse meu filhão”. “Você gravou onde, meu filho? No videocassete? Em um DVD?”. Disse o homem que, até hoje, não consegue gravar um DVD.

“Não, pai. Está no youtube”.

“Esse meu filhão, viu? É um gênio. Vai ser o próximo Silvio Santos”.

“Vou colocar na nossa Smart TV”.

“Isso, isso. Vocês viram? Essa nossa TV nova? Conecta na internet, lê e-mails, acessa as notícias”.

• www.youtube.com/?v=tdgahskjhad

Família paralisada. O vídeo, publicado há poucas horas, aparentava ter mais de 1 milhão de visualizações.

O curta começa com música e sons de fundo. Até que surgem imagens filmadas de um celular, editadas meio toscamente. Na tela, cenas reais da família, registradas por Armandinho sem que o pai percebesse.

Montagens de fotos do seu avõ mostrando seu pai no hospital sorrindo para a câmera no dia do acidente da árvore. Em seguida, uma filmagem mais recente de Armando esbravejando pra TV, ao ouvir notícias de 3 crianças de um colégio do bairro que insultaram um professor: “São um bando de marginais. Falta mesmo é uma boa surra”.

A segunda cena mostra o casal de pais, muito jovens, no que parece um festival de música eletrônica. A imagem surpreende seu avõ que pergunta: “Meu filho, foi isso que você fez com o dinheiro que eu te dei pra fazer seu curso de verão?”

A cena se junta com uma imagem de Seu Armando comentando

sobre uma reportagem de alunos que invadiram uma escola para protestar contra uma proposta de lei. “Se fosse meu filho, tava no colégio estudando. Não nessa vadiagem”.

O desfecho do vídeo mostra seu pai mostrando toda sua revolta por causa de um protesto na rua que o levava pra casa. Há um mês, um motorista bêbado havia invadido a calçada e matado uma senhora e sua filha da comunidade. O motorista fugiu do local e, até o momento, não foi localizado. O marido da senhora, agora viúvo, juntou-se à comunidade e queimou alguns pneus na via para ver se conseguia chamar a atenção e obter alguma ajuda.

“Esses marginais não pensam nos outros? Estão aí atrapalhando a vida de todo mundo. Egoístas! Vou me atrasar quase 1 hora assim!” Na tela, um vídeo que parecia ter sido filmado hoje mesmo. Seu Armando aparece trancando o cruzamento da principal avenida da cidade, seguida de um estacionamento em vagas para deficientes.

O vídeo acaba. O silêncio na casa é devastador. Parentes se entreolham.

“Pai, veja alguns dos comentários que as pessoas estão deixando aqui. Vamos abrir”.

Na tela, a família assiste atônita a todo tipo de xingamento possível, mas o pior estava por vir: uma mensagem do chefe de seu Armando.

“Armandinho, por favor, avise ao seu pai para passar direto no RH na segunda-feira. Somos uma empresa que valoriza muito o respeito e a empatia entre as pessoas. Todos os dias do ano. É muito simples e fácil ser bom e correto quando convém, mas nossa empresa preza não só por funcionários, mas por seres humanos de excelência”.

Armando engole seco. Não sabe se chora. Busca o olhar de sua esposa, que também está transtornada. Envergonhada.

Tenta algumas palavras com seu filho, mas elas falham. Por fim, desaba no sofá.

“Pai, tenha calma. Na verdade, este vídeo não está publicado na internet. Foi só uma montagem que fiz para parecer real e tentar te fazer perceber. O vídeo está nesse momento sendo deletado e nunca mais será visto por ninguém”, disse calmamente.

“O que eu queria transmitir, para o senhor e toda família, é a grande missão do natal: amar ao próximo, sobre todas as coisas, é muito importante, mas isso tem que partir muito mais de atitudes do

que de palavras. Treinar a empatia, respeitar os outros, tratar a todos igualmente, ser altruísta, tem que estar presente no nosso dia a dia, e com exemplos concretos, não com publicações em redes sociais ou com palavras vazias."

Foi o melhor presente de natal que Armando recebeu em toda sua vida. E ele soube disso na hora.

Um Olhar para o Futuro: o Trumpetista e a Sefaz

Sidney dos Santos Saraiva Leão

Cura do câncer, regeneração de órgãos, automatização, robótica, interatividade total, virtualização, internet livre, veículos autômatos e não poluentes, uso compartilhado, sustentabilidade, reúso da água, plástico degradante, tecnologia do vidro, energia limpa... Parece que o futuro está bem aqui pertinho. Mas e o SER? Não falamos sobre o amor, amizade, solidariedade, educação e cultura.

O atual movimento mundial é dominado pelos meios de produção, que ditam e dominam os fluxos financeiros e que tentam determinar o que vamos usar, comer, falar e até mesmo sonhar.

Ouvi dizer, não vou me aprofundar, mas dizem que 1% da população detém 99% da riqueza. Esse povo deve ser de outro planeta, não é? Vivem em outra realidade e ainda conseguem fazer que os que detêm a maior parte do 1% da riqueza que restou adotem a mesma postura dos multibilionários. Ainda sobram os miseráveis excluídos, que ainda pagam as contas nos momentos de CRISE ECONÔMICA.

No nosso país, está bem claro, OS RICOS agora reagiram, pois a distribuição de renda inviabiliza a competitividade do país, pois é melhor vender em moedas estrangeiras e gozar das isenções dadas às exportações do que vender no mercado interno. A prova está aí, a economia interna parou, encolheu e a inflação continuou, os juros experimentaram altos lucros para o sistema financeiro.

Um taxista estava falando “Comprei uma vaga de taxi por R$100.000,00 há pouco mais de 2 anos, agora estão oferecendo

por R$40.000,00, e, até R$35.000,00, por conta do UBER". O outro afirmou: "não, não é só por isso, é que tá tudo parado". Não resistindo à conversa, uma senhora interrompe e diz: "a vaga de táxi tá R$40.000,00, e eu não consigo vender a minha, tô com o carro financiado e dificuldade em pagar, e agora?". Logo, também entrei no assunto e falei: "engraçado, vocês estão iguais ao Donald Trump, querem reserva de mercado. Lembram quando surgiram as motos táxi? Vocês falavam que iam acabar com a renda dos taxistas. Agora essa do UBER, vocês querem também construir um "muro" protegendo a reserva de mercado? Não tem olhar para o futuro não? Os ônibus estão evoluindo, já têm ar-condicionado, faixa exclusiva e acessibilidade. O UBER é mundial, em breve surge outra coisa, então evoluam, se reinventem, inovem...

Mas a crise chegou mesmo, no início, estimulada pelos detentores dos meios de comunicação e possuidores dos poderes político e econômico, agora, uma vez instalada está se aprofundando. Vejam bem, até mesmo o Raimundinho, rapaz que cuida de vários sítios no Eusébio disse que antes ganhava dinheiro lavando carros do pessoal do churrasco. Lavava, durante um único final de semana, até 20 carros, agora quando lava um ou dois, lava muito, e ainda pagam uma mixaria. O churrasco também não é o mesmo churrasco e quase não tem mais. Tá com dificuldade de pagar as prestações da TV e do sofá, pois a conta d´água aumentou e da energia também. Ele que estava pensando em trocar a geladeira, já desistiu, e olha que as borrachas da geladeira antiga estão ressecadas e ela bem enferrujada. Essas dificuldades podem não interessar ao leitor, pois cada um tem seus problemas, mas tudo está interligado, é a globalização.

Voltando aos problemas mundiais, e agora? Os refugiados estão para os países desenvolvidos, assim como os nordestinos estão para os sulistas? Será que podemos tratar de um tema tão sério em um texto breve? Você, leitor, é quem decide, pois o que estamos presenciando é a tentativa do "sul independente", já que os impostos arrecadados da região Sul estariam sendo destinados para o Norte e Nordeste do Brasil, e, supostamente, isso é que provocaria as mazelas do Sul, por isso o governo Estadual do Rio Grande do Sul estaria "quebrado". ESPERE, caro leitor, caso não esteja enganado, mas REDUZIR as desigualdades é uma previsão constitucional, ou, pelo menos, ainda é, ou não é mais?

O Art. 170 da Constituição Federal estabeleceu: “A ordem econômica, fundada na valorização do trabalho humano e na livre iniciativa, tem por fim assegurar a todos existência digna, conforme os ditames da justiça social, observados os seguintes princípios: ..“. Dentre os princípios estão a função social da propriedade (Inciso III) e a redução das desigualdades regionais e sociais (Inciso VII).

Falando novamente daqueles refugiados que nos referimos agora há pouco (tanto vítimas da guerra quanto da pobreza extrema de seus países), estes ingressam nos países ricos, tomam empregos, enfeiam as praças, as calçadas, mendigam, geram insegurança e aumentam os índices de violência, sendo tratados como subespécies humanas. Pelo menos é esse o discurso reinante das economias fortes.

Agora temos Trump, o SALVADOR DA PÁTRIA, EUA contra o mundo, contra o império Chinês, contra o radicalismo religioso, contra a fronteira mexicana, contra sei lá nem o que, você sabe?

Será que num futuro próximo, comemoraremos a queda do muro? Que muro?? Pois já não houve a derrocada do muro de Berlim? Falamos do muro americano, EUA X MÉXICO, o muro que garantirá a segregação das raças, sendo uma superior, com a desculpa antiga de garantir os empregos, continuamos a construir o futuro com os mesmos erros do passado?

O terrorismo, antes objeto de pequenos grupos, agora já não sabemos de onde vem, e no futuro? Esse terror mundial alimenta a indústria bélica. Vimos e vivemos num planeta doente, vírus e bactérias, cada vez mais indefectíveis, serão esses os objetos da contínua produção de fármacos, garantido os mercados multibilionários.

Nossa mãe, quanto pessimismo, tanto negativismo, vou ficar é deprê!!

Nada disso, ânimo caro leitor!! ATITUDE!!! Ainda podemos reagir, inverter a lógica, MUDAR O MUNDO, começando pelo nosso nundo.

Qual nosso mundo, o planeta terra? Sim e não, pois o nosso mundo é algo introspectivo, primeiro devemos RESOLVER o que queremos e precisamos no nosso mundo individual, será que queremos consumir, ganhar dinheiro, consumir, ganhar dinheiro, como parar? Quantas vezes colegas são julgados por aquilo que não TEM, normalmente tratados como fracassados, não é isso mesmo? Ou não? A quem queremos enganar? Pois fomos PROGRAMADOS desde pequenos pelas

propagandas, pelas novelas e filmes, pelo comprar nas DATAS comemorativas. O PRIMEIRO LUGAR, vencer a competição, tem que ser o melhor, para justificar e afagar nossos próprios egos.

Quem já refletiu sobre essas datas comemorativas? Elas podem ser duras para aquelas crianças cujos pais não estão incluídos na sociedade com poder econômico? ESTOU FALANDO ALGUM CLICHÊ, ou filosofia BARATA? Será que precisamos desqualificar os pensamentos que vão de encontro às regras estabelecidas e que usam o poder do Estado para aplacar, de forma coercitiva, a reação daqueles desprovidos, pois eles também vão buscar os meios para satisfazerem suas necessidades? O Natal é tão bonito visto pela TV, mas para a maior parte da população, quem pode descrever o que se passa em suas casas?

A regra é simples. Nós, que tivemos a sorte em termos tido acesso aos meios educacionais, alguns com muitas dificuldades, outros nem tanto, mas cobramos daquele povo que nasceu e foi criado excluído de um ambiente social sem violência, de um convívio familiar adequado, de uma orientação estimulante, de um Estado que lhes fornecesse reais oportunidades em se tornarem cidadãos – no sentido amplo da palavra, ou seja, um povo que nasceu quase que marcado para viver à margem da sociedade. Mas nós queremos que esse povo saiba RESPEITAR o direito à propriedade, que tenha a ética como fundamento, que mantenha atitude de cidadão educado em país de "1º mundo". Ou não é isso que queremos? Olhar para o futuro... Ora, esse povo precisa sobreviver ao presente, muitos sucumbem pela violência que assola nosso Brasil.

As minorias serão maiorias nesse futuro próximo? Leitor, leitor, não faço a menor ideia, não me pergunte. Aliás, o QUE VOCÊ PENSA SOBRE o seu olhar de futuro????? Lembre-se, produtos orgânicos, vida ativa, medicamentos rejuvenescedores, o futuro será mais longo não é mesmo? Ou, pelo menos, para aqueles que puderem pagar e que priorizam o investimento em si, pois nessa sociedade, ignoramos os mais desprovidos, damos-lhes esmolas, assim nos sentimos caridosos.

O olhar para um futuro desponta em altíssima velocidade e nos estimula a estarmos diariamente revendo nossos conceitos, para enxergar que é insustentável convivermos em uma sociedade tão dispare.Vou responder o que penso ser meu olhar para o futuro: "Quero apenas a felicidade", mas não olhando para o futuro, e sim olhando

com muito cuidado o presente, caso contrário, corro o risco de ter apenas passado e futuro, sempre deixando de vivenciar o presente.

Neste presente, busco adotar atitudes mais HUMANIZADAS, estendendo ao HOMEM o mesmo cuidado que muitas vezes dou a coisas menos importantes, sejam materiais ou imateriais.

Meu olhar de presente e de futuro para a nossa instituição Sefaz é exterminar a segregação que aqui se instalou com 2 (dois) grupos, duas representações de classes, cada uma tentando prevalecer como a mais importante. Que bobagem, COMO DEIXAMOS ISSO ACONTECER? Na nossa própria casa duas categorias de servidores, UM MURO FOI ERGUIDO, que incoerência, quanta fraqueza humana, muita mesquinharia. Infelizmente não damos exemplos nem nesta casa, como criticar o sul, como criticar o "Trumpetismo"? Apontaremos o outro com o dedo sujo?

Meu olhar para o futuro é estar feliz, hoje, e todos os dias, como Papa Francisco falou recentemente: ¨Ser feliz não é só apreciar o sorriso, mas também REFLETIR sobre a nossa tristeza... Ser feliz é parar de sentir-se vítima dos problemas e se tornar autor da própria história...ser feliz não é ter uma vida perfeita, mas usar as lágrimas para irrigar a tolerância. Utilizar as perdas para treinar a paciência. Usar os erros para esculpir a serenidade. Utilizar a dor para lapidar o prazer. Utilizar os obstáculos para abrir uma janela para a Inteligência...".

O meu olhar para o futuro, no campo profissional é: "ACORDA, SEFAZ!" Espero que tenhamos um grupo unido, com objetivo de crescermos juntos e darmos nossa contribuição ao nosso patrão.

Que patrão? A sociedade cearense, pois o papel do tributo como fomentador da política de redução e erradicação das desigualdades deve ser o nosso maior compromisso com o presente e com o futuro. O OLHAR PARA O FUTURO PASSA PELO OLHAR INTERIOR DE CADA UM DE NÓS, SENDO A ÉTICA O GUIA DE NOSSAS CONDUTAS. Para existir futuro, precisamos, ter, antes de tudo, ética, solidariedade, coragem e ousadia.

Um conto de Natal

FABRÍZIO GOMES SANTOS

— Mãe não aguento mais.

— Preciso parar.

Os passos cadenciados e lentos já mostravamo cansaço e o desespero de José.

— Deixa disso menino, já está chegando.

11h45, sol a pino, interior do Ceará. Josétinha seis anos, pele queimada e seca, carcaça magra. Estávamos em plena véspera de Natal, a temperatura beirava a sensação térmica de 43 graus. Maria e seu filho José caminhavam na terra árida para conseguir alguma água para pelo menos ter o que beber no Natal.

Depois de caminhadas quatro horas, faltavam apenas mil metros para chegar a Irauçuba para pegar água no caminhão pipa.

Para José seriam os metros mais difíceis de sua vida. Começou a imaginar como seria o seu natal perfeito. Então se viu numa lagoa, com água refrescante, as crianças felizes correndo e pulando nas águas límpidas. De repente surgia no céu o Papai Noel, com seu cantil de água e sua roupa azul, trazendo pão e carne para a ceia.

Seus pais dançando e cantando uma linda canção, a brisa fresca a acalmar os bebês no balançar da rede.

De repente, acorda do sonho com o estalar das latas batendo, querendo sugar a água que vem do caminhão. Água que começa a evaporar antes mesmo de tocar o fundo da lata.

José fica no canto esperando sua mãe encher as latas. Neste mo-

mento avista um Papai Noel no centro da praça, sai em disparada, com suas últimas forças. Tira do bolso um papel velho e amassado. Entrega ao velho de barba branca com um sorriso de poucos dentes.

— Esta é minha carta de natal.

Vira e segue sua vida.

O velhinho abre a carta que diz: “Papai Noel, por favor, manda chuva.”

Parte IV

Causos

TEMA:

MEMÓRIA FAZENDÁRIA

2015

A danada da comunicação

Maria Aurelina Farias de Araujo

Um belo dia Carla recebeu uma incumbência da gerente: providenciar uma apresentação musical para o evento do dia do servidor. Nossa amiga tinha alguns contatos com o Coral "Mãos que Cantam", formado por surdos-mudos, e prontamente foi atrás do regente que prometeu comparecer no dia e horário combinado, afinal era uma excelente oportunidade para apresentar suas crianças.

No dia combinado, o auditório já preparado, as pessoas chegando, as palestras fluindo no horário e para a apresentação musical eis que chega o coral agendado por Carla.

Carla, muito animada por ter desempenhado bem a sua tarefa, tratou logo de levar o regente do coral para ser apresentado a gerente.

— Angélica, este é José, o regente do coral que vai nos presentear com a apresentação musical.

— Muito prazer José, muito obrigada por ter aceito o nosso convite. Aonde estão as crianças?

José mostra um bando de crianças lá no fundo do auditório, todas animadas, rindo e felizes. Angélica olha mais uma vez e ver que as crianças não estão gesticulando, como era de se esperar, acreditava que as crianças se comunicavam por Libras (linguagem brasileira de sinais), entretanto não quis ser indiscreta e deu um largo sorriso, acompanhado de um sinal de positivo para as crianças que riam animadamente.

Na hora da apresentação do coral, as crianças sobem no palco

do auditório, se posicionam, o regente dá o sinal e as crianças SOLTAM A VOZ!

Angélica assiste a apresentação maravilhada. Ao final, se dirige ao regente e comenta:

— Que linda apresentação! E as crianças todas falam?

O regente sem entender olha para Angélica e responde:

— Claro que falam e cantam também!

Angélica, ainda sem compreender, agradece mais uma vez pela linda apresentação. Ao final do evento Carla explica a Angélica que o Coral "Mãos que Cantam" havia tido um problema e não pudera comparecer. Para não prejudicar o evento, Carla prontamente providenciou um outro coral e na correria pensou que havia falado da troca, daí a confusão. Ao final rimos todos e mais uma vez ficou provado que a comunicação é a base de tudo.

Coisas de RH

DULCE ANE PITOMBEIRA DE LUCENA

Aconteceu que uma senhora chamada Anete ligou para o Recursos Humanos querendo falar com seu marido. Ele devia estar em um treinamento. Olharam as frequências, procuraram nas salas, aqui e ali, mas nem sinal do homem. Foi um rebuliço. O caso virou abacaxi e foi levado à gerente para averiguação:

— Dona Anete, a senhora sabe de qual curso o seu marido veio participar?

— Sei não. Só sei que ia de manhã até de noite. Ele é muito esforçado...

— Noite? A senhora tem certeza, que o curso era aqui mesmo?

— Sim. Ele saiu daqui do interior na segunda-feira passada. Aí não é o RH ?

— É sim. Pois bem, a senhora já se comunicou com o local de trabalho dele?

— Ah, é muito feio ficar atrás do marido no trabalho. Eu não sou ciumenta...

— Mas a senhora não está precisando falar com ele? Não é urgente?

— Não é tão urgente, não. Ele está até de férias. Viu, como é dedicado?

— Dona Anete, infelizmente, seu marido não está em nenhum curso por aqui...

— O quê? Pode falar mais alto? Não estou ouvindo... Acho que

a ligação vai ...

E é claro, que a ligação caiu. Quatro dias depois, Dona Anete ligou pro RH:

— Olá, sou eu Anete. A senhora lembra de mim?

— Claro, Dona Anete, lembro sim. Como posso ajudá-la? Ele apareceu?

— Apareceu. Ele disse que tava aí fazendo um curso mesmo, só que a sala de aula estava muito cheia e vocês não viram. Coitado!

— Sei... E qual era o curso? Ele recebeu certificado?

— O nome do curso? Peraí... Huumm... Já sei: Como evitar estresse. O curso era longo, ele sentiu saudade de casa e voltou antes. Aí perdeu o certificado. Coitado! Ele já está até me ensinando... Se fico com raiva, respiro e me acalmo. O curso era bom mesmo! No próximo mês, ele vai estudar aí na Capital, de novo.

— É mesmo? E qual é o curso, desta vez?

— É um curso de Relações Interpessoais. Ele quer melhorar no relacionamento com as pessoas. A senhora não imagina como ele está precisando...

— Ah, imagino sim, Dona Anete. Imagino, mesmo!

É por isso que dizem, que de tudo acontece no setor de RH.

O Coletor e o cheque voador

ARLEDO GOMES E SILVA

Nos idos dos anos setenta, era coletor o fiscal de rendas José de Andrade. Pessoa afável, chegado a brincadeiras com os amigos.

Homem trabalhador, bom coletor de impostos, tinha porém um defeito: era viciado em jogo de cartas e constantemente virava a noite no carteado, apostando a dinheiro, muitas vezes aquele que não tinha. Assim, vivia sempre pedindo algum emprestado aos amigos para cobrir alguma dívida de jogo.

Antes que me esqueça, um outro defeito do coletor era não gostar muito de pagar aos que lhe socorriam nas horas de aperto. Assim, somente algum incauto ou alguém que não conhecesse a sua fama de caloteiro, estaria disposto a lhe fiar algum numerário.

Ocorre que um dia o José de Andrade recebeu na Coletoria o gerente da agência do Banco do Brasil, recém inaugurada na cidade. O gerente do BB, sem lhe conhecer a fama, veio oferecer ao José de Andrade a abertura de uma conta corrente em seu nome. Logicamente, sendo José de Andrade o coletor, haveria de ter uma deferência especial na abertura de sua conta corrente e, de fato isto ocorreu. O gerente de pronto assegurou ao José de Andrade uma conta ouro, com direito a cheque especial e um limite de crédito bastante razoável.

Como se diz na gíria, foi dinheiro achado em calçada alta e no lado da sombra. O José de Andrade de posse de um talonário de cheques tratou logo de fazer o melhor uso do mesmo. Fez umas comprinhas no comércio local, acertou algumas pendências com uns credo-

res mais insistentes. O certo é que logo o talão de cheque foi todo usado, sem que o José de Andrade tivesse qualquer preocupação com seu saldo bancário muito menos com o limite do cheque especial.

Um certo dia, um comerciante a quem o José de Andrade passara um dos cheques, compareceu à coletoria a fim de uma conversa reservada com o coletor. Já sabendo do que se tratava, mas fingindo-se de desentendido, José de Andrade perguntou ao angustiado cidadão: Seu João o que o senhor quer tratar comigo?

Meio sem jeito, procurando as palavras certas, o comerciante foi direto ao ponto dizendo-lhe:

— Seu José de Andrade, é aquele cheque que o senhor me deu pra pagar as suas compras...

— Sim, o que tem o cheque? - perguntou o coletor.

— Bem, é que eu fui ao Banco do Brasil e o gerente me disse que não poderia me pagar porque não tinha saldo na conta e estou aqui para o senhor resolver a situação.

A resposta de José de Andrade foi imediata:

— Meu amigo, o senhor me desculpe, mas eu não posso fazer nada.

— Como assim? - indagou o comerciante

José de Andrade então deu o golpe de misericórdia:

— Amigo, se o Banco do Brasil que é podre de rico não tem dinheiro para lhe pagar imagine eu que sou um pobre lascado.

Desconsolado e sem ter como resolver o problema, o seu João deu por encerrada a questão e pendurou o cheque na conta dos esquecidos.

Pegadinha da Diligência

IVONE MAIRE ANTUNES BEZERRA

Quando assumi meu emprego na SEFAZ, escolhi ficar nas bandas do Cariri, pois achava uma região mais civilizada, embora distante de Fortaleza. Em casa fomos criadas com um certo isolamento do mundo. Minha mãe sempre querendo nos proteger da vida, não permitia participar de velórios e enterros. Nunca, até aquela idade, tinha ido a um enterro. Nem mesmo ver um morto. Caixão só de foto. Era alienada total.

Voltando ao Cariri, meu pai foi me levar de carro para assumir o emprego. Disse que não precisava, mas ele fez questão, e como filha obediente, deixei. Quase morri de vergonha, pois era "encabulada mesmo". Fiquei feliz que quando chegamos estava no horário do almoço e encontrei poucos colegas.

Na manhã seguinte me apresentei ao Delegado e ao Coletor. Fiquei na Coletoria que funcionava no piso térreo, a Delegacia era no piso superior. Bom, o Coletor, super atarefado, mal olhou pra mim. Disse para eu ficar com "fulaninha". Fui e tentei aprender o que ela fazia. Eu perguntava muito, acho que ela estava de "saco cheio" de tantas perguntas e me mandou para uma diligência, SOZINHA. Isso no 3º dia de trabalho. Fui toda "cheia", me achando. Fui com o motorista pois era um pouco distante da Coletoria. A diligência era para verificar o estoque existente de uma empresa que pediu baixa. Eu era tão lesada que nem li os dados da empresa, também a "fulaninha" só me entregou na hora que saí. O motorista já tinha anotado o endereço com ela. Chegamos e aí vi que se tratava de uma funerária. Pensem!!!

Tive que contar castiçais, cavaletes, caixões, velas, dentre outros artigos de funerárias. Fiquei apavorada! Fiquei tão aflita, fiquei com medo, não sei descrever o que senti, mas estava em pânico. Parecia que era um sacrilégio. Com muito custo conclui minha tarefa e voltei. No dia seguinte pedi ao Coletor para mudar de setor, nunca mais queria fazer diligência. Depois fiquei amiga de "fulaninha" que disse ter preparado aquela pegadinha para mim! Realmente, nunca mais esqueci dessa história. Agora dou boas risadas quando relembro esse episódio.

Rabo de barbante

YOLITA DE ARAÚJO E SÁ

Este “causo” é apenas uma das histórias jocosas provocadas por um colega de trabalho.

- Na sala grande, cheia de birôs pretos, sentava-se ao fundo, aquele tipo de pessoa séria, sisuda, dedicada ao trabalho, porém, um prato cheio para Alberto, que fazia a turma gargalhar com suas brincadeiras, muitas vezes até pesadas, diziam uns.

- Oliveira usava óculos de grau forte e se vestia à antiga. O homem sisudo, que vestia calças de “tergal”, com pernas “frouxas”, de cor cinza e camisa passada no estilo “engomadinho”, seria naquele dia, a vítima da “vez”.

Como de costume, saiu às 11:30hs a fim de buscar a filha na escola. Pra seu azar, sem dispor de veículo, Oliveira precisava atravessar a cidade a pé, pois era lotado em uma das Sedes da Sefaz, no Centro, e o Colégio ficava na esquina da Av. Domingos Olímpio com Barão do Rio Branco.

Naquela manhã, a filha pré-adolescente o aguardava no portão da escola, enfezada, pois o pai estava demorando. Quando chegou, Oliveira a encontrou resmungando... irritado, pegou sua mão e dirigiram-se ao ponto de ônibus.

Logo ao entrar em casa fora interceptado por Marli:

- O que é isso, Oliveira? Perguntou a esposa.

- O que é mulher? Lá vem tu com tuas pergunta besta? respondeu com antipatia;

- Oliveira, tu num tá vendo que tu tem um barbante enganchado por um “clips” no cós das tuas calças, pendurado até o chão, logo aí atrás?!

- Num pode ser! disse enraivecido, verificando a própria traseira: eu andei a cidade toda com isso pendurado nas calças; um rabo? é por isso que tinha gente que me olhava e ria. Até ouvi alguém gritar: “rabudo, rabudo” mas, não era comigo!

- Já sei, pensou: foi o sem-vergonha lá da sala. Aquele cabra me paga!

Ao retornar do almoço, foi tomar satisfações com Alberto, pois aquilo era demais!

Mas Alberto, que já esperava aquela reação e não perdia o desfecho das brincadeiras, respondeu:

- Ô besteira, só por causa dum rabim?

E foi uma gargalhada geral diante do rosto vermelho de ódio de Oliveira que ameaçava mudar de setor.

Parte V

Outras produções literárias

TEMA:

LIVRE

2018

Poesia.com

JOSÉ ROBERTO SEVERIANO GOMES

Cansei da virtualidade da tua presença,
Da abstração dos teus abraços
E dos nossos beijos digitais.

Meu HD está cheio de promessas
E a lentidão do teu processador
Não reconhece mais o meu carinho.

Nossos arquivos de felicidade
foram infectados com a tua indiferença.

Quer saber,
Eu não fiz o backup desse amor.

Agora só me resta te deletar da memória,
Instalar antivírus contra tuas invasões,
Reiniciando meus sentimentos
E fazendo download de um novo amor.

Por favor, exclua meus e-mails,
Não mais visualize o meu zap.
Pare de curtir as minhas postagens.

Se ainda os tiver,
Devolva todos os meus disquetes.

Aliás, um youtuber me contou
Que a versão da nossa paixão
Está desatualizada.

Foi com a frieza de um hacker
Que desconfiguraste os nossos programas.

Foste apenas um fake
Que passou em minha vida.
...E o meu coração se deixou plugar.

Agora, para ti, estarei sempre off-line.
Troquei de chip e te bloqueei
Do meu coração.

A viagem de volta

JOSÉ NAZÁRIO VIANA FILHO

Estamos acostumados a ouvir os reclames, cada vez mais frequentes em nossa sociedade, sobre o uso exacerbado e sem limites de substâncias que prejudicam a saúde física e mental das pessoas – as drogas. O uso de drogas é um problema de saúde pública, no entanto, admitimos constantemente, e de forma preconceituosa, que a responsabilidade pelos danos provocados é atribuída exclusivamente ao indivíduo dependente. Ainda não nos conscientizamos de que o problema das drogas é social. O desequilíbrio social em nossa sociedade atual promove nas pessoas o abuso do uso das drogas e a propensão para abusar, também, do uso de elementos que são vitais, como a alimentação, o trabalho, o sexo e outros.

Durante a nossa vida é inevitável o contato com as drogas. Afinal, até o ar que respiramos contém substâncias perniciosas, ou mesmo, venenosas para o homem. Os alimentos considerados os mais saudáveis, como as verduras e hortaliças, por exemplo, contém agrotóxicos. E o café que todo dia bebemos? Quem pode garantir que não se trata de uma droga? Existem pessoas que se não tomarem café pela manhã passam mal, têm dores de cabeça – sintomas da abstinência. Sem falar, é claro, no uso de medicamentos.

"A boa saúde será, com maior frequência, mais dependente da modificação de hábitos do que da visita ao doutor. Ao invés disso, o paradigma da doença, provavelmente, retardou os avanços no tratamento de diabetes, hipertensão e da doença cardíaca coronariana.

Uma vez que essas anomalias, como o alcoolismo, tivessem sido reclassificadas como transtornos do comportamento humano, uma ênfase maior poderia ter sido colocada mais cedo em temas superiores de mecanismos de transferências de cuidados de saúde apropriados..." (VAILLANT, 1999, p. 45)

A pessoa compulsiva que também faz uso de drogas, sofre maiores danos em relação a si mesma, à família e ao trabalho. Pode até deixar o uso de determinada substância, mas compensa a sua abstinência através do abuso de outros comportamentos que, acreditando ela, não fazem mal a sua saúde. Triste engano, pois "tudo demais é veneno". Comer demais, fazer sexo demais, se divertir demais, trabalhar demais são sintomas de desequilíbrio.

Faz-se necessário a utilização de métodos de ajuda às pessoas compulsivas, que tenham por fundamento o amor e respeito ao próximo e a si mesmo. Existem os mais variados métodos empregados nessa ajuda. Todos visando apenas a "cura" do indivíduo, sem atentar para o fato de que o indivíduo é um produto do meio em que vive. A nossa sociedade, portanto, também precisa ser curada.

Estão nascendo novos métodos de ajuda, mais democráticos, que possibilitam às pessoas com problemas decorrentes do uso de drogas a descoberta de um objetivo na vida: a viagem de volta. Baseiam-se no princípio de que devemos respeitar o ser humano, acima de tudo. A "Redução de Danos", como ficou conhecida essa nova metodologia de ajuda, visa a diminuição dos danos causados pelo abuso do uso de drogas, através da mudança de hábitos que desencadeiem situações danosas, preenchimento do tempo ocioso com atividades produtivas, dentre outros mecanismos que dependem da característica de cada caso. Agora, abre-se uma nova perspectiva. O indivíduo pode ter a oportunidade de diminuir o uso das drogas de forma gradativa e, observando seus limites, poderá determinar o seu objetivo e o prazo para alcançá-lo.

A Redução de Danos não restringe a sua ação aos dependentes de drogas, mas abrange também aquelas pessoas que sofrem com os danos causados pelo desequilíbrio social, principalmente àquelas que padecem com as consequências da miséria. Os danos causados às pessoas em decorrência das drogas e/ou da miséria são minimizados com este método que não descarta a cura, a abstinência e a ausência de danos como sendo o objetivo final do processo.

"As medidas preventivas e de redução de danos caminham de mãos dadas. Medidas como desestimular o tabagismo entre os jovens, retardar ou reverter a progressão para drogas mais pesadas, incentivar [...] o 'sexo seguro' e promover a manutenção do peso corporal normal, uma alimentação saudável e a atividade física regular terão que ser aplicadas o mais cedo possível para ajudar a prevenir o aparecimento posterior de vários tipos de câncer, de doenças cardíacas, de dependências químicas e de doenças infecciosas e transmissíveis." (MARLATT, 1999, p. 15)

O uso e costumes humanos dividem-se em duas esferas, a "necessária" e a "do prazer". Interagimos com o mundo paradoxalmente levados pelas influências do meio que determinam nossas necessidades ou pelo desejo interior de realização pessoal. Deve haver um equilíbrio na utilização destes dois fatores de interação com o meio.

A Redução de Danos só entra em ação quando há um aumento quantitativo no uso dos elementos da Esfera do Prazer (como no caso da dependência química) e/ou quando há uma redução, também quantitativa, dos elementos que compõem a Esfera Necessária (no caso dos efeitos danosos da miséria).

É preciso pensar sempre no dia de amanhã, dedicar o tempo certo para cada necessidade, ajudar o próximo e a si próprio a superar os obstáculos, ter objetivos nobres na vida. Se um antigo provérbio chinês nos ensina que os objetivos do homem são três: plantar uma árvore, ter um filho e escrever um livro. Então, plantar uma árvore significa amar a vida e construí-la com o trabalho produtivo, ter um filho representa a preservação da vida humana com qualidade e dignidade, e escrever um livro é comparado às boas ideias ou aos bons exemplos que são impressos durante toda a nossa vida.

REFERÊNCIAS (Disponível na Biblioteca Manoel Gouveia)

CORDIOLI, Aristides Volpato. *Psicoterapias*: abordagens atuais. 2.ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1998.

MARLATT, G. Allan. Redução de danos: estratégias práticas para lidar com comportamentos de alto risco. *Porto Alegre*: Artes Médicas Sul, 1999.

_____. Prevenção de recaídas: estratégias de manutenção no tratamento de comportamentos adictivos. *Porto Alegre*: Artes Médicas Sul, 1993.

VAILLANT, George E. A história natural do alcoolismo revisitada. *Porto Alegre*: Artes Médicas Sul, 1999.

O ato de doar

MARIA AURELINA FARIAS DE ARAÚJO

Ontem vivenciei por toda a manhã, a alegria de entregar doações a instituições sem fins lucrativos. Ver a alegria das pessoas ao receber leite em pó, brinquedos, roupas, sejam novas ou usadas, não tem preço! Entretanto o melhor é falar com as pessoas que trabalham durante o ano inteiro vivenciando o ato de doar.

Sim, por que doar alimentos é muito fácil, mas doar carinho, atenção a pessoas carentes, velhinhas idosas, seres humanos, adultos e adolescentes, envolvidos com as drogas, vivenciar a luta de adolescentes que vivem ao meio da violência, cuidar da educação de surdos-mudos, de portadores do HIV, da Síndrome de Dow, realmente é receber lições de vida e de amor ao próximo que estas pessoas, anônimas, simples, algumas sem instrução, mas que são tão mais "ricas" do que nós, que temos salário, que temos casa, roupa lavada, comida farta e condições de estudar em bons colégios e faculdades.

Acredito que o ato de doar liberta. Tal como foi experimentado por São Francisco de Assis quando despiu suas vestes, deixou para trás a opulência de uma vida de nobre e foi em busca do "servir" ao invés de ser "servido". Vi nos olhos das pessoas que vieram até nós, servidores de um órgão público, a alegria pelo trabalho que desenvolve junto às instituições. Todo esse trabalho hercúleo é amparado por um grupo de pessoas de boa vontade: freiras, funcionários, alunos, voluntários e pessoas da própria comunidade que muitas vezes dividem o pouco que possuem com os que não dispõem de nada.

Ouvi muitos agradecimentos e em todos os contatos mantidos eu é que deveria ter agradecido a cada uma daquelas pessoas. Por elas fazerem um trabalho sério, com tanto amor e devotamento, cuidando de idosos, de crianças, de gente já esquecida pelos seus parentes, de pessoas que estão à margem da sociedade, excluídos e esquecidos do ente público, mas que são tratados com toda a consideração por quem escolheu "doar" amor, carinho muito mais do que "receber".

Para mim ficou clara a mensagem de São Francisco de Assis: doar liberta!

Ao Dr. Clerton Martins

ARISTÓBULO SOUZA FONTENELE

Na disposição das cadeiras, alguma coisa aconteceu, o horário foi logo estabelecido, era só o começo da evolução que se deu.

A turma percebeu que a coisa era diferente e logo na onda embarcou.

No contexto contemporâneo da liquidez, do hiper consumo e apressamento do ritmo social a aula se inaugurou.

A metodologia de ensino era uma novidade e nos chamava atenção o “foco em mim” já que não podíamos em nada interferir.

A partir daí, o tempo (trabalho, livre, lazer e porque não o ócio) foram introduzidos, chegando até a questão do ser e do ter.

No segundo dia uma resistência se manifestou, o que foi prontamente abafada, não pela imposição mas pela negociação que ocorrera no dia anterior.

Na administração de Recursos Humanos vimos a sua evolução, a sua importância, devido o treinamento, o desenvolvimento organizacional, o sistema de controle, a manutenção, as relações trabalhistas, a questão salarial e higiene, o desenho de cargos, avaliação de desempenho, o recrutamento, o processo de seleção e a seleção de pessoal, tudo isto, para se chegar até a Gestão de Pessoas, enriquecendo o processo para o engrandecimento das pessoas e das organizações.

Para surpresa geral o Nilson da organização de negócios turístico do Gran Marquise, que com sua experiência de gestão, apresentou a parte prática de como deve ser a Administração.

Os estudos de casos, com as apresentações e discussões, foram momentos de aplicação do que se viu nas explanações, levando a todos à participação.

De tudo que foi ensinado ficou a principal lição, que os conceitos da Administração devem ser postos em prática por cada um de nós, quer como colaboradores quer como responsáveis pela gestão.

Plagiando Patativa: O homi já tinha formação mas saí do Ceará pra em Barcelona seus conhecimentos e o canudo miorâ, que tantum trabaios publicou, que inúmeras bancas de mestrados e doutorados participou, só vendo seu currículo para testemuiar; mermo depois de tanto trabaiâ um tal de OTIUM fundô, pois sua dedicação agora é para o ócio, mas veja como pode a contradição, o moço não para não, até a revista desse laboratório tem como nome PASOS, sinal que ainda vai muito caminhâ; ficamô até com vergonha de falar mas não temô adjetivos para descrever ao Sinhô Dotô, apenas podemos a vôsa incelença os nosso agradecimentos apresentar.

Celebração à vida

IRACEMA SERRA AZUL DA FONSÊCA

Eu sou a Terra, a grande-mãe protetora dos viventes.
Ofereço a ti, ó Vida, a morada acolhedora e o alimento saudável e saboroso para teu corpo sagrado.

Eu sou a Água, amorosa como o útero materno.
Aparentemente frágil, tenho a força de tudo pôr em movimento.
Ofereço a ti, ó Vida, a correnteza para que possas levar o alimento para todas as tuas células e teus sistemas mais complexos.

Eu sou o Fogo, que aquece e produz a energia para que todos os processos vitais aconteçam.
Ofereço a ti, ó Vida, todo o meu poder e força de criação e purificação.

Eu sou o Ar. Carrego em minhas asas o espirito da renovação e da plenitude.
Ofereço a ti, ó Vida, o sopro da essência e da comunicação com o infinito.

Eu sou a Vida. Recebo de vós, ó elementos vitais, Terra, Fogo, Água e Ar, a dádiva generosa da minha existência.

Significas, ó Terra, a razão e a nutrição, presentes nos teus frutos.

Representas, ó Fogo, os sentidos, o prazer, as paixões e as relações entre os entes e ambientes.

Quanto a ti, ó Agua, és sentimento, acolhimento e amor. Representas o movimento que faz circular os nutrientes para todos os viventes.

E tu, ó Ar, és o sopro, a espiritualidade, a alegria, a comunicação entre o ser e o cosmos.

A harmonia entre vós, ó quatro elementos, Terra, Água, Fogo e Ar, é a única chance de minha sobrevivência como quinto elemento, a Vida, síntese e razão de vossas existências.

Marcas do tempo

PAULO SÉRGIO COUTINHO DE ALMADA

Tempo para nascer, crescer e reflorescer,
Tempo para aconchegar, acreditar e não padecer.
Tempo de mágoas e angústias, mas sem desespero.
Pensar e agir, pois o tempo é um passageiro.

O tempo que passa rápido como um vácuo, um sopro,
É o tempo que me arrasta, livre, leve e solto,
Como uma brisa que se quebra na curva mansa do tempo
É o tempo que vagueia na massa cinzenta do discernimento.

O Senhor tempo que não falha,
É o mesmo tempo que me abraça ao mesmo tempo que me marca.
Pode ser um tempo vadio,
Um tanto arredio,
Que me agarra leve, mas pode ser sombrio.

Um tempo que vem,
Um tempo que vai,
Deixando marcas acesas
Em pedaços que não se esvai.

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Fazenda do Estado do Ceará

EDIÇÕES
FUNDAÇÃO SINTAF